

NÓS DA ESCOLA

RIO

PREFEITURA EDUCAÇÃO

MULTIRIO

Ludicidade e imagem



Prefeitura do Rio

Este investimento vale ouro para a Cidade.

Cesar Maia
Prefeito

Sonia Mograbi
Secretária Municipal de Educação

Regina de Assis
Presidente da MULTIRIO

Marcos Ozório
Diretor de Mídia e Educação

Maria Inês Delorme
Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos e jornalista responsável (MTb. RJ22.642JP)

Marcelo Salerno
Diretor do Núcleo de Tecnologia da Informação

Katia Chalita
Diretora do Núcleo de Televisão, Rádio e Cinema

Élida Vaz
Assessora de Comunicação e Ouvidora

CONSELHO EDITORIAL

Élida Vaz (Assessora de Comunicação/MULTIRIO) • **Leny Datrino** (Diretora do Departamento Geral de Educação/SME) • **Marcos Ozório** (Diretor da Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO) • **Maria Inês Delorme** (Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) • **Martha Neiva Moreira** (Editora/NPI-MULTIRIO) • **Rita Ribes** (Professora do Departamento de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro) • **Silvy Rosalem** (Assessora Especial do Gabinete da Secretária/SME)

CONSELHO DE COLABORADORES

Cláudia Reis (4ª CRE) • **Cristina Campos** (Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) • **Cristina Salvadora Ferreira** (5ª CRE) • **Guilherme F. De A. Degou** (9ª CRE) • **Irinéia Simone Cortes Tourinho** (Assessoria de Integração/MULTIRIO) • **Joelma de Souza Vieira** (8ª CRE) • **Leticia Carvalho Monteiro** (6ª CRE) • **Marcia Elizabeth N. M. Vicent** (7ª CRE) • **Maria Alice Oliveira da Silva** (DGED/SME) • **Maria Teresa L. M. Coelho** (Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO) • **Marize Peixoto** (1ª CRE) • **Norma Suely** (10ª CRE) • **Rosilene Adriano Mattos** (2ª CRE) • **Solange Maria Campos** (3ª CRE) • **Sueli Batista** (10ª CRE)

EQUIPE DE PRODUÇÃO

Gerência Pedagógica: **Cristina Campos** e **Joanna Miranda**

Gerência de Jornalismo: **Martha Neiva Moreira** (editora) • **Renata Petrocelli** (subeditora) • **Fábio Aranha**, **Carolina Bessa** e **Bete Nogueira** (reportagem) • **César Garcia** (copidesque e revisão) • **Jorge Eduardo Machado** (revisão)

Gerência de Artes Gráficas: **Flávio Carvalho** (gerência) • **Cláudio Gil** (coordenação), **Adriana Simeone**, **Aline Carneiro**, **David Macedo Sá** e **Gustavo Cadar** (designers) • **Vivian Ribeiro** (produção gráfica)

Alberto Jacob Filho (fotografia)

Impressão: Cidade América Artes Gráfica

Tiragem: 36.500 exemplares

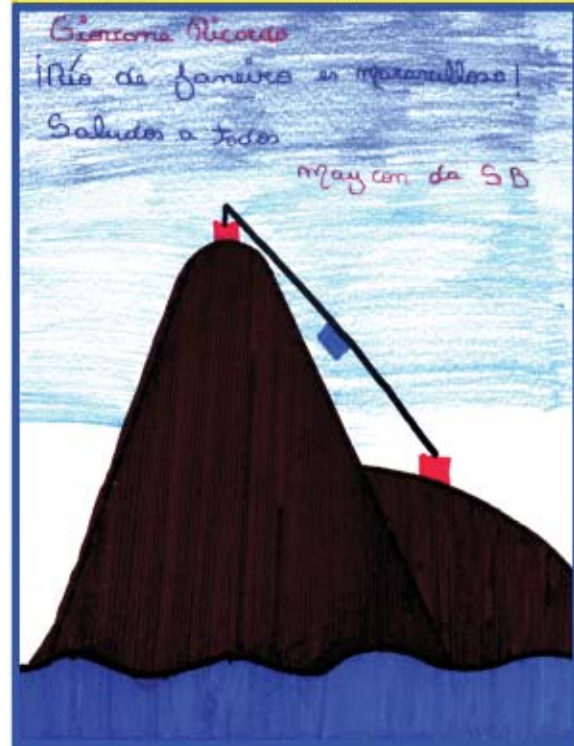
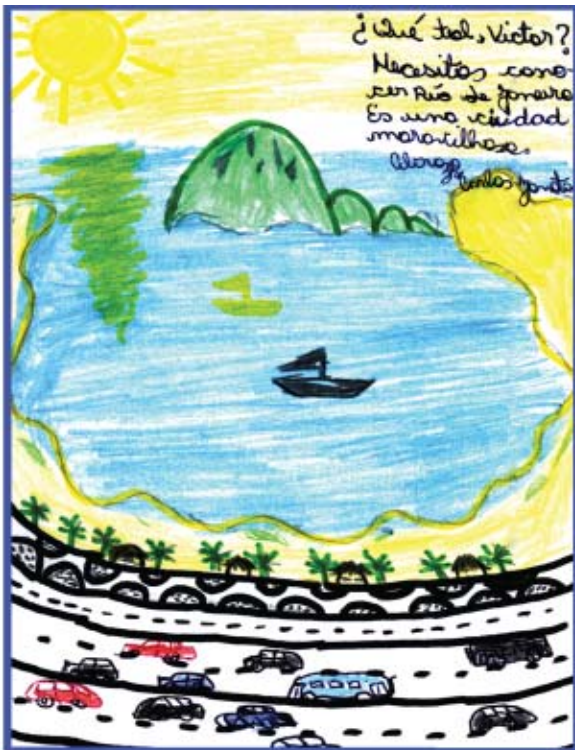


EMPRESA MUNICIPAL DE MULTIMEIOS LTDA.

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22260-210

www.multirio.rj.gov.br ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br

Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212



POSTAIS CRIADOS PELOS ALUNOS SANDY, MAYCON, CARLOS, ANA PAULA, GIOVANNI E BEATRIZ, DA ESCOLA MUNICIPAL BÉLGICA

4 editorial

5 cartas

6 zoom

Qual a imagem mais marcante que você tem na memória?

8 ponto e contraponto

Helenbar no país de Alice

13 carioca

Casa de cultura portuguesa

15 pan 2007

Eternos xodós dos torneios

17 século XX1

Alunos que se tornam autores

18 parceria

O limite do sistema solar

20 rede fala

Professores-leitores para formar alunos-leitores

22 caleidoscópio

Tempo para adaptação

24 professor on line

Música a um clique do mouse

24 olho mágico

Um universo de descobertas

26 capa

Múltiplas expressões do olhar

32 artigo

Animencontros: espaços interativos de ressignificação

34 presente do futuro

Torcer sim, mas sem brigas

37 atualidade

Uma revolução incompleta

40 pé na estrada

Aula com recheio brasileiro
Ensinamentos da cidade
Um passado de muita história

44 perfil

A locomotiva Nair de Teffé

46 foi assim

Reserva natural da cidade

48 agenda

49 tudoteca

50 MULTIRIO na TV

editorial

Ludicidade e imagem

Uma das características mais marcantes do mundo contemporâneo é a profusão de imagens. Na TV, nos cinemas, *outdoors*, na internet, em blogs e fotologs e até nas telas dos telefones celulares, a onipresença da imagem se impõe, prende nossa atenção e avança em nossa intimidade.

Nesta edição da NÓS DA ESCOLA, você poderá acompanhar o debate sobre essa questão e saber mais sobre como a escola pode se apropriar, de forma lúdica, dessa profusão de imagens e dialogar com elas.

Em artigo sobre os Animencontros, Carlos Alberto Machado, da PUC-Rio, analisa os encontros regionais ou nacionais que reúnem fãs de desenhos animados japoneses, sob a perspectiva da interação e das trocas culturais. Na seção *Ponto e contraponto*, vamos conversar com Helena de Barros, *designer* carioca que se tornou uma espécie de musa dos fotologs com a criação da personagem Helenbar. Helena é sua própria modelo e, unindo ficção, fotografia e computação gráfica, recria cenas de *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll. Mas a revista também vai às ruas investigar "Qual a imagem mais marcante que você tem na memória?". Aproveite para deliciar-se com as respostas.

Além desses assuntos, você vai conhecer um pouco mais sobre a importância histórica e arquitetônica do Real Gabinete Português de Leitura, localizado no Centro do Rio de Janeiro. A instituição foi fundada em 1837, apenas 15 anos após a independência do Brasil, por um grupo de 43 imigrantes portugueses, e é a maior biblioteca de autores portugueses fora de Portugal.

A seção *Presente do futuro* aborda o universo das torcidas organizadas, que chamam a atenção não apenas pela paixão que despertam, mas, sobretudo, pelas recorrentes cenas de violência. A revista apresenta a opinião de especialistas sobre as causas desse fenômeno e também sobre como incentivar o equilíbrio no futebol, uma das maiores paixões nacionais. Esses e outros assuntos de interesse você vai encontrar nesta edição da NÓS DA ESCOLA.

Não deixe de ler!

Sonia Mograbi



Sonia Mograbi
Secretária Municipal de Educação

Quer saber mais sobre as produções da MULTIRIO?

CRÍTICAS DE ESCOLA
A partir de 10 de abril, o site Colunas do leitor terá acesso à programação de MULTIRIO, com especialização. A prática mostra a relação de alunos em diferentes países e estilos e inclui a edição de conteúdos de estudantes. O primeiro episódio apresenta uma aula de cinco em Fortaleza.
Revista: segunda (2), de 1h.
Cadastral: Rua Santa Izabel, 130, e sala 17, de 9h.

NOVIA COMPANHIA DE LETURA
Em 19 de abril, dia do nascimento de Monteiro Lobato, a Cia Nacional do Livro e a Anatel, a MULTIRIO lança a Companhia de Letura, um projeto de leitura para crianças e jovens. O projeto tem como objetivo promover a leitura e a aprendizagem de idiomas, com o uso de tecnologia e a participação de voluntários. Saiba mais em www.multirio.org.br.

CONCURSO
A partir de 10 de abril, o concurso de leitura "Lobato e Cia Nacional do Livro" está aberto. O prêmio é de R\$ 10.000,00. Saiba mais em www.multirio.org.br.

DIAGNÓSTICO
A partir de 10 de abril, o diagnóstico de leitura "Lobato e Cia Nacional do Livro" está aberto. O diagnóstico é gratuito e pode ser realizado em qualquer escola pública ou particular. Saiba mais em www.multirio.org.br.

NOTÍCIAS DA MULTIRIO

Cadastre-se e receba gratuitamente, a cada semana, nossa newsletter.
Mande e-mail para ouvidoria@multirio.pcrj.gov.br ou ligue para 2528-8282.

Errata

Na edição 40 da NÓS DA ESCOLA, na seção *Olho mágico*, p. 24, publicamos “Quando usar crase” em lugar de “Quando usar o acento grave indicador da crase”, que é o correto.

Personagem marcante

Gostaria de parabenizar todos que participam da produção da revista NÓS DA ESCOLA pela qualidade e importância das informações emitidas. Gostei muito dos depoimentos sobre o personagem que mais marcou a infância dos entrevistados. O meu foi a Narizinho, das histórias de Monteiro Lobato.

Martha Nogueira

Professora da sala de leitura da Escola Municipal Coronel Corsino do Amarante

Desenhos

Sou professora de Língua Espanhola e meus alunos costumam representar tudo o que aprendem em forma de desenho. Como trabalhamos os diversos meios de comunicação em espanhol, eles resolveram criar cartões postais com paisagens típicas do Rio de Janeiro e mensagens em espanhol, estimulando os estrangeiros a visitar nossa Cidade Maravilhosa. Estou enviando alguns desenhos feitos por meus alunos da 6ª série. Espero que apreciem e, quem sabe, sejam publicados em algum exemplar da revista NÓS DA ESCOLA, que recebemos aqui em minha escola.

Gláucia Guimarães

Professora da Escola Municipal Bélgica

N. da R.: Parabéns pelo trabalho.

Estamos publicando nesta edição seis dos postais enviados e agradecemos a colaboração.

Quando você acabar de ler a NÓS DA ESCOLA, não precisa esperar até o mês que vem para ter acesso às novidades da revista. Desde a edição nº 39, o Portal MULTIRIO traz uma série de conteúdos relacionados às matérias: textos sobre os principais assuntos, versões na íntegra de entrevistas e fotos da sua escola que você ainda não viu. Não deixe de conferir. É só acessar www.multirio.rj.gov.br e clicar na área destinada à revista NÓS DA ESCOLA.



Leitura de Mundo

Parabenizamos a 3ª CRE pela realização da Jornada Pedagógica Leitura de Mundo – Que Leitura?, entre os dias 3 e 7 de julho, com a participação de dirigentes do nível central da Secretaria de Educação,

professores da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), da Universidade Cândido Mendes (UCAM) e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), além de profissionais da MULTIRIO.



A equipe da revista NÓS DA ESCOLA parabeniza a Escola Municipal Joaquim Abílio Borges pela passagem de seu aniversário de 40 anos.

ESCREVA PARA O NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS DA MULTIRIO

Largo dos Leões, 15 - 9º andar, sala 908 - Humaitá - CEP 22260 210 - Rio de Janeiro - ou mande e-mail para multirio_dpúb@rio.rj.gov.br
Para colaborar com a seção Rede Fala envie-nos seu artigo. O texto deve ser digitado em fonte Arial, corpo 12, e ter, no máximo, 6 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos a avaliação e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.
Visite nosso site: www.multirio.rj.gov.br

Qual a imagem mais marcante

Todos os dias as pessoas são bombardeadas por milhões de imagens, que chegam de várias formas. Algumas ficam registradas, outras são esquecidas instantaneamente.

Podem ser cenas do dia-a-dia, de um noticiário ou de um programa de TV, um quadro que nos impressione ou até uma fotografia que desperte lembranças de uma época passada. NÓS DA ESCOLA foi às ruas resgatar essas imagens que ficam na nossa mente.

Ana Paula dos Santos, fisioterapeuta

– Não consigo parar de me lembrar dos tsunamis. Aquelas ondas vindo e inundando tudo à volta. Me impressionaram muito aquelas imagens, porque se trata de um fenômeno que pode acontecer em qualquer lugar, a qualquer momento, sem poder se evitar. Vi tudo isso na televisão e fiquei acompanhando as notícias por vários dias.



Adriana Rivoli, advogada

– A imagem mais bonita e marcante de que me recordo é a da minha filha Manuela nascendo. Lembro-me dela saindo da minha barriga depois de uma cesariana e chorando muito. Ela nasceu muito pequena, de sete meses. Os prognósticos não eram bons: precisaria ser entubada e encaminhada para a UTI. Mas, por ter chorado, abriu os pulmões, superou todos os problemas.



Fátima de Oliveira, doméstica

– Me impressionou um menino de uns 5 anos que entrou em um supermercado e pegou vários produtos. Depois ficou pedindo para as pessoas pagarem para ele. Na saída, o garoto entregou tudo para três mulheres que estavam esperando na porta. Achei aquilo uma coisa estranha. Isso pode ser ruim para ele quando estiver maior.



e que você tem na memória?

Francielly França, estudante

– As imagens que fico lembrando são as dos tsunamis mais recentes. Lembro-me de cenas de destruição, pessoas chorando, corpos no chão. Aquele sofrimento das pessoas perdendo tudo me comove. Desta vez, fiquei mais impressionada do que da primeira, porque me fez pensar que tudo pode acontecer de novo. Não deu tempo nem de aquele povo se levantar dos primeiros tsunamis, meses atrás, e acontece isso outra vez.



Edilson Toledo, taxista

– Fiquei chocado com uma cena que vi há uns seis meses. Uma menina de rua cheirando solvente e carregando um bebê no colo. Isso me marcou muito porque também tenho um filho pequeno, de 2 anos. Fico pensando naquela criança indefesa, é uma vida sem futuro. Nem sei se aquele neném ainda está vivo hoje.



Eliane dos Santos Lima, doméstica

– A imagem do velório do Bussunda não sai da minha cabeça. Vi na TV seus companheiros chorando. Estavam incontroláveis. Eu gostava muito dele, era um bom humorista. Ver aquilo me tocou muito, me deixou muito triste.



Cristóvão Montenegro dos Santos, professor

– Não consigo parar de pensar nas salas de aula lotadas e eu precisando falar muito alto para que me ouçam. É algo que vejo todos os dias e não sai da minha cabeça. Dou aula de teatro para crianças e adolescentes, mas gostaria de não precisar aumentar tanto a voz para que me escutassem.



Helenbar no país de Alice

Ela pode ser uma personagem virtual, com ares de *Alice no país das maravilhas* e habitante de um universo que mistura fotografia, ficção e computação gráfica. Mas também pode ser uma agitada carioca contemporânea, dividida entre o mestrado na ESDI/Uerj e trabalhos de *design* gráfico. Na vida de Helena de Barros – ou Helenbar, para os internautas mais íntimos –, imagem é tudo. Helenbar, a criatura, surgiu em 2003 e logo conquistou milhares de fãs em seu fotolog na internet. Até hoje, protagoniza cenas inspiradas em Alice e também em estrelas de cinema dos anos 40, *pin-ups* e personagens do circo do começo do século XX. Helena, a criadora, tem 33 anos, vive inventando adereços para si própria e já mudou a cor dos cabelos centenas de vezes. Produz sozinha todas as imagens de seu fotolog e de seu *site* (<http://helenbar.com>), que partem de auto-retratos. “O auto-retrato é uma matéria-prima. Sou a fonte mais acessível de personificação das minhas idéias, sei o que quero produzir e como devo atuar para conseguir exatamente o que busco”, argumenta Helena, que dá a receita para quem quer aproveitar ao máximo o universo de imagens que nos cerca. “É preciso desenvolver o modo de olhar, numa equação de criatividade, cultura, expressão, autoconhecimento, estilo, disponibilidade de recursos e técnica.”





Na sua opinião, qual é o papel da imagem no mundo contemporâneo?

Vilém Flusser diz que imagens são mediações entre o homem e o mundo, são mapas do mundo, mas passam a ser biombos. O homem, em vez de se servir das imagens em função do mundo, passa a viver em função de imagens. Estamos completamente saturados de imagens no mundo contemporâneo. Consumimos milhares delas todos os dias sem sequer nos darmos conta, na televisão, nos jornais, no cinema, nos anúncios, nas revistas, nos livros, na internet. A imagem é ao mesmo tempo um deleite e uma armadilha. Somos acostumados a viver a partir de imagens, a acreditar nas imagens que o mundo nos oferece. A informação visual tem um enorme poder de sedução, pois se confunde facilmente com o real, o que lhe confere proporcional poder de manipulação. O excesso de imagens a que estamos expostos hoje em dia nos deixa anestesiados e facilita ainda mais o processo de controle exercido por meio da imagem. É importante educar o olhar para o mundo contemporâneo, aprender a ver o que está por trás

das imagens e a filtrar o que nos interessa. Acredito que a imagem tenha um papel simbólico fundamental na construção de valores do indivíduo e da sociedade. É preciso saber julgar e se posicionar diante do que nos é oferecido.

E qual seria a melhor forma de pais e professores prepararem as crianças para esse papel crítico diante das imagens a que elas são expostas?

As crianças devem ser incentivadas desde cedo a formular, produzir, consumir, compreender e trocar imagens. Elas têm de ter consciência de que estas imagens representam valores e, dependendo de como são tratadas, podem nos tornar mais saudáveis, tolerantes, compreensivos e felizes como seres humanos, ou podem acirrar conflitos, o consumo vazio, a intolerância. Cada um de nós é uma fonte inesgotável de criatividade, temos a capacidade, a responsabilidade e o dever, como indivíduos e como grupo, de representar e transmitir a nossa cultura, tradições, vontades, ideais, angústias, frustrações, tristezas e alegrias. E podemos fazer isso ►

TEXTO

RENATA PETROCELLI

FOTOMONTAGEM

HELENBAR

por meio das imagens. Os professores têm um papel fundamental nesta formação. Um professor apaixonado e interessado pelo que faz é a maior fonte de inspiração e motivação para seus alunos.

As novas tecnologias também têm um papel importante na forma como lidamos com a imagem atualmente. Como você avalia essa influência?

Acredito que as tecnologias digitais ampliaram ainda mais o contato com as imagens e aproximaram o público leigo da produção de imagens. As câmeras digitais facilitam muito o aprendizado da fotografia, a ausência de custo com filme e revelação diminui a culpa de errar. É incrível também como as novas gerações têm afinidade com o universo digital. É comum ver adolescentes autodidatas com extrema desenvoltura na criação de imagens com o computador. Há a vantagem de que essas máquinas são ferramentas multitarefa, não é mais necessário que se disponha de um contexto com tintas e material de desenho para se aprender a desenhar, por exemplo. Acho que a exposição virtual e os sistemas de comunicação da internet são grandes estimuladores desse processo também. Todos querem mostrar o que são capazes de fazer, criar novas formas de se comunicar e de

se expressar. É possível se comunicar por meio de imagens com pessoas de todo o mundo, independentemente do idioma. Além das artes tradicionais, o próprio sistema e suas características midiáticas (conciliando imagem, vídeo, som, animação, estrutura de navegação, texto etc.) favorecem novas propostas de criação e de contextualização para as imagens. As exposições *on line* aumentam a visibilidade e o espaço para novos artistas. A interatividade, a comunicação em tempo real, a troca de experiências, a pesquisa, o intercâmbio de informações e a comunhão de afinidades se tornaram práticas globais, não existem mais fronteiras territoriais no campo da criação e de divulgação das imagens. Sua aceitação também depende menos das instituições e de padrões preestabelecidos. Cada indivíduo é um artista ou divulgador em potencial, contribuindo para uma visão da arte mais democrática e acessível.

No seu caso específico, a internet foi muito importante, porque o fotolog trouxe uma grande popularização do seu trabalho. A que você atribui o sucesso dos fotologs no Brasil?

O maior diferencial do fotolog [página virtual para publicação de fotos] é a forma como os usuários estão interligados. É muito fácil conhecer e se comunicar com um grande número de pessoas. As imagens funcionam como iscas, cada uma com o seu perfil e, como cada página é repleta de *links* de imagem e texto, rapidamente se faz uma grande rede de comunicação, com gente do mundo inteiro. Nós somos um povo muito comunicativo, carente de atenção e de reconhecimento, acho que essas grandes comunidades da internet aumentam a nossa auto-estima. Outro ponto positivo para o sucesso do serviço é que é uma comunidade muito heterogênea, com os mais diferentes objetivos, de artistas a pessoas que só querem se divertir. É uma grande e poderosa rede de entretenimento. Alguns minutos de fotolog às vezes equivalem a ir a uma exposição, encontrar com os amigos ou ler uma revista de atualidades. Acho que essa é a grande vantagem do fotolog em relação a outras mídias: ele serve a vários propósitos, é bastante surpreendente. Além de tudo, é um serviço gratuito para a maior parte dos usuários.



E o que você acha que fez o seu trabalho se destacar nesse universo tão cheio de “iscas”?

Quando comecei, o serviço ainda era recente e reunia uma crescente e fervilhante comunidade, composta em grande parte por artistas, fotógrafos e curiosos ávidos por trocar informações. Na segunda semana como fotólogoer, pulei de três para 3.500 visitas e meu *thumbnail* [galeria de fotos em miniatura] foi para a página principal como um dos mais vistos do *site*, o que então não significava popularidade, mas curiosidade. A própria estrutura do sistema de navegação se encarregou da divulgação de forma espontânea, uma espécie de boca-a-boca virtual. A inovadora e original estrutura do fotolog foi uma verdadeira coqueluche mundial, principalmente aqui no Brasil, onde sofreu um *boom* de crescimento em progressão geométrica. Trabalhos diferenciados chamavam a atenção e peguei carona na divulgação, não só dentro do *site*, como em diversos outros meios de comunicação que abordaram o fenômeno do fotolog. Acredito que o cuidado com a estética das imagens e com o conteúdo, o amparo da literatura clássica, o interesse em computação gráfica e na imagem feminina também tenham sido responsáveis pela atenção que meu trabalho recebeu. Mas acho que nada disso é sinônimo de sucesso e que reconhecimento também é uma questão de sorte. Tem muita gente que faz trabalhos excelentes, dentro e fora do fotolog, e continua no anonimato.

De onde surgiu a idéia de criar a personagem Helenbar?

Helenbar aconteceu meio por acaso. Foi uma brincadeira que deu certo, nada premeditado. O nome Helenbar sempre foi meu *nick* [apelido] de *e-mail* (“Helen” de Helena, “bar” de Barros). Em junho de 2003, um amigo me recomendou o fotolog. Criei um *login* [nome na rede] só para ver do que se tratava e comecei a experimentar o sistema, mas não tinha idéia de que iria virar um personagem.

E a relação com *Alice no país das maravilhas*?

Sempre me sentirei inspirada por Lewis Carroll. Ele marcou meu jeito de ver as coisas desde a primeira vez que o li, há uns 15 anos. Acho



que Alice muda um pouco a forma de a gente encarar a realidade, levando as coisas menos a sério, percebendo o surrealismo da vida e como o nosso cotidiano também faz tão pouco sentido. Desde 1992, já fazia desenhos inspirados por Alice. Em 2003, fiz o vestido para uma festa temática de amigos. Comecei fazendo apenas uma imagem e, quando vi, já tinha virado quase o livro inteiro.

Então foi Alice quem inspirou você a emprestar a própria imagem a esses trabalhos?

Desde que li o livro *Alice no país das maravilhas* pela primeira vez, tive muita vontade de me sentir no papel da Alice e vivenciar todas aquelas situações. Foi assim que comecei a usar a minha própria imagem para o personagem, em uma espécie de realização pessoal. Ela era o único personagem real e humano da história, o que fazia do livro um excelente roteiro para o trabalho individual de fotomontagem, já que a única pessoa com que precisava contar era eu mesma e podia desenvolver todos os outros personagens digitalmente. Além disso, sou a melhor pessoa para interpretar as minhas idéias, pois sei exatamente o que estou buscando – expressão, conceito e resultado gráfico. Não tenho que discutir com ninguém, é completamente autoral.

Para você, como é essa tradução de idéias em imagens?

Acho que é preciso desenvolver o modo de olhar em uma equação de criatividade, cultura, expressão, autoconhecimento, estilo, disponibilidade de recursos e técnica. Se queremos ter um bom ▶

SAIBA MAIS

Para entender o significado de termos como *fotólogoer* e *thumbnail*, veja o Giramundo desta edição, que ensina como fazer um *blog*. A matéria *Alerta a pais e professores* (edição n° 40, p. 34) também tem um glossário de termos sobre o assunto.

desempenho em qualquer área (não só com imagens), são muito importantes o estudo e a prática. Além da técnica, é preciso aprender quais são as questões fundamentais de linguagem, entender hierarquias e valores específicos de cada área, construir referências, situar o nosso trabalho dentro de um contexto e descobrir quais são as características singulares que podemos explorar. A formação, a sensibilidade e a experiência são o que nos torna aptos e afiados para produzir imagens interessantes com equipamentos caros ou com lápis e papel.

O que atraiu você no mundo das imagens, levando-a a transformá-lo em seu universo de trabalho?

O interesse por imagens existe desde que me entendo por gente. Fiz escola de arte desde os 8 anos de idade. É um incentivo muito importante para crianças. Comecei a lidar com o computador e com o Photoshop [programa de tratamento de imagens] em 1994, na época do projeto de graduação do curso de Desenho Industrial, na Esdi/Uerj, com o tema Design gráfico e novas tecnologias de imagem. Motivada pelas novas possibilidades, mergulhei de cabeça na era digital. Meu projeto *A alma subitamente entorpecida – ensaio gráfico sobre a sensibilidade através de Antonin Artaud, Vaslav Nijinsky e Vincent Van Gogh* ganhou o prêmio Carmem Portinho de Arte e Cultura. Foi o primeiro contato que tive com imagem e tipografia digital e representou o desabrochar de questões que venho desenvolvendo e aperfeiçoando até hoje.

Quais são as primeiras recordações imagéticas que você guarda da sua infância?

Adorava as coleções *Enciclopédia da fantasia*, com fábulas do mundo inteiro, e *Os bichos*, com várias espécies de animais, inclusive dinossauros, que eram os meus preferidos. Ambas têm ilustrações incríveis, elaboradíssimas, que gosto de ver até hoje. Passei grande parte da minha infância desenhando e vendo livros, acho que o vínculo com o universo das imagens deve ser construído e valorizado desde cedo, quando formamos a maior parte dos nossos valores culturais e sociais.



Em seu trabalho no fotolog, especialmente, parece que fica muito misturada a relação entre trabalho e lazer. Como isso funciona para você?

São atividades e processos distintos. No dia-a-dia, como *designer*, há um cliente, objetivos concretos, metodologia e projeto. A forma e o estilo do trabalho se adequam a estas variáveis. O processo criativo se dá dentro de um universo técnico, pragmático. Já o que exponho no fotolog e no meu *site* pessoal é um trabalho autoral, no qual lido apenas com o meu imaginário e a minha única preocupação é satisfazer a minha própria vontade, em um processo investigativo, de expressão pessoal. O nível de realização e de recompensa é tão intenso que de fato se parece muito com lazer, embora seja uma atividade que encaro com muita seriedade. Acho que a técnica e a ludicidade se misturam muito, não dá para separar quando uma termina e começa a outra. Acho que podemos aprender brincando, ser inspirados pela técnica e trabalhar de um modo lúdico. Tudo depende de como encaramos as coisas.

Para as pessoas que não trabalham com *design* ou fotografia, quais são, na sua opinião, as possibilidades de se brincar com as imagens no mundo contemporâneo?

Não é preciso trabalhar com essas áreas específicas para se expressar. O mais importante é a vontade de comunicar uma idéia. Acho que a literatura e a dança, por exemplo, sempre foram excelentes formas de comunicar imagens mentais. Cada um encontra a sua maneira. ■

Casa da cultura portuguesa

Real Gabinete Português de Leitura reúne o maior número de obras lusitanas fora de Portugal

Um tesouro secular em pleno Centro da cidade, guardado em um “baú” ornado em belíssimo estilo, que reflete o cuidado com as suas pedras mais raras. A oito meses de festejar 170 anos de prestígio entre a comunidade portuguesa e a intelectualidade brasileira, o Real Gabinete Português de Leitura consegue aliar o melhor dos dois mundos: as letras luso-brasileiras desde Camões e a busca por conhecimento, por meio de seu Centro de Estudos, que realiza cursos e encontros e abriga um pólo de pesquisa interdisciplinar.

Em 1837, um grupo de portugueses resolveu criar um gabinete de leitura ao estilo do que já funcionava na França (com a diferença de que seria um serviço gratuito) para atender a comunidade que se instalara na capital do Império, formada principalmente por comerciantes. A fundação aconteceu em 14 de maio daquele ano e, desde então, seus diretores se empenharam em adquirir milhares de obras – algumas delas verdadeiras raridades dos séculos XVI e XVII –, o que fez com que o local desde o início já tivesse prestígio aqui e além-mar. “Em 1878, fizeram um inventário e descobriram que já possuíam mais de 40 mil livros”, conta Gilda Santos, vice-presidente do Centro de Estudos.

Em 1900, o gabinete transformou-se em biblioteca pública, abrindo ao povo os seus títulos. Seis anos depois, o rei Dom Carlos atribuiu o título de “Real” ao gabinete. Foram criados no Brasil mais dois gabinetes de leitura pelos portugueses – o de Recife, em 1850, e o de Salvador, em 1863 –, mas com uma diferença: o do Rio é o único real.

Preciosidades – Escritos raros ficam numa seção à parte. Há, por exemplo, uma bula papal do século XVII, manuscritos de Eça de Queiroz, um exemplar de *Os Lusíadas* que pertenceu à Companhia de Jesus de Setúbal e um documento inquisitorial de 1640. Pertencem ainda à casa preciosidades de Camilo Castelo Branco – é a maior biblioteca camiliana fora de Portugal, contando com diversas cartas, os ma-



A fachada do prédio retrata Camões, Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral

nuscritos de *Amor de perdição* e da novela *A infanta capelista* (nunca publicado). Há também escritos à mão de brasileiros ilustres, como Gonçalves Dias e Machado de Assis – este sempre muito ligado ao gabinete, que abrigou reuniões da Academia Brasileira de Letras no período anterior ao do Petit Trianon, prédio doado pelo governo francês à Academia em 1923.

À qualidade, soma-se a quantidade: o crescimento do acervo fez com que o gabinete mudasse de endereço diversas vezes, até construir sede própria. A época, 1880, coincidia com o tricentenário da morte de Camões, o que motivou a colônia lusitana a se mobilizar. Em junho daquele ano, o imperador Dom Pedro II participou do lançamento da pedra fundamental para a construção da sede definitiva, na Rua da ►

TEXTO

BETE NOGUEIRA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO



O acervo do Real Gabinete Português de Leitura reúne cerca de 350 mil títulos

Lampadosa (hoje, Luís de Camões). A inauguração, em setembro de 1887, contou com a presença da princesa Isabel e do Conde D'Eu.

Santa beleza – O projeto eleito foi o do arquiteto português Rafael da Silva Castro, que escolheu o estilo neomanuelino para evocar a epopéia camonianiana. Camões, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral e o Infante D. Henrique estão representados na fachada, assim como em diversas partes do interior. “O neomanuelino retoma o estilo da época de Dom Manuel, o Venturoso, com símbolos marítimos, plantas e florões que aludem às grandes navegações”, explica Carlos Kessel, coordenador do Pólo de Pesquisa. Toda a estrutura em metal veio de Portugal. As mesas, de jacarandá, ainda são as mesmas.

A imponência do prédio – externa e internamente – às vezes leva a uma confusão que causa graça: alguns desavisados pensam que estão diante de uma igreja e se benzem. “Alguns chegam a entrar para se persignar diante da estátua de Camões”, diverte-se a professora Gilda. “São Camões” já recebeu até pedidos, bilhetinhos que foram deixados diante da porta do gabinete.

O lugar tem mesmo suas particularidades. Há até algum tempo, senhores portugueses, de idade avançada, freqüentavam-no para ler os jornais d'além-mar. A saudade da terra natal era tanta que muitos deles sempre queriam levar o periódico para casa. “Acabamos deixando que eles levassem”, revela o bibliotecário Orlando Inácio.

Desde 1931, quando abrigou o 1º Congresso dos Portugueses no Brasil, passou-se a comemorar

ali o Dia de Portugal, no aniversário de morte de Camões: 10 de junho. Mas as atividades não poderiam parar aí. Os diretores perceberam a necessidade de levar uma dinâmica maior ao lugar. Em 1969, começou a funcionar o Centro de Estudos. Assim, passaram a fazer parte do gabinete cursos, conferências, colóquios, o Pólo de Pesquisa, um intercâmbio cultural mais amplo e bolsas de pesquisa com concurso público. O Pólo conta com profissionais de diversas disciplinas: Arquitetura, Filologia, Belas-artes etc. O acervo foi todo informatizado, permitindo, assim, a consulta via internet do que é possível encontrar na biblioteca. Há a publicação da revista *Convergência Lusíada*, distribuída em instituições culturais e universidades de todo o mundo.

Portas abertas – O Real Gabinete recebe apoio do governo português – por meio do Instituto Camões –, da Fundação Calouste Gulbenkian e mantém-se também com o aluguel de imóveis doados por ex-colaboradores. A consulta de livros no local é gratuita, mas há ainda os associados, cerca de dois mil, que por simbólicos R\$ 30 podem pegar obras emprestado. Por mês, a biblioteca recebe cerca de 900 leitores. O local também virou parada obrigatória de turistas, que vêm conhecer sua história e estudar sua arquitetura.

Hoje, são 350 mil livros, número que não pára de crescer, pois o gabinete é o único depósito legal português fora da “terrinha”. Isso significa que, por decreto, deve ser enviado para cá um exemplar de tudo o que lá é publicado. A instituição comprou um prédio anexo, para continuar sua expansão.

Há um setor de encadernação e recuperação de obras raras somente para o acervo da casa. E os projetos não param: em breve, começará a organização da iconografia e haverá um centro multimídia. Mas o que o gabinete pretende agora é mudar a imagem de que é mera biblioteca de literatura portuguesa. “Temos todos os grandes autores do passado e da atualidade, como Saramago, Miguel Souza Tavares e Lídia Jorge, mas nosso acervo também atende a área científico-tecnológica. Queremos que os cariocas desfrutem de todo esse conhecimento”, convida a professora Gilda Santos. O Rio agradece orgulhoso, professora. ■

SERVIÇO

Real Gabinete Português de Leitura – Rua Luís de Camões, 30, Centro. Informações: (21) 2221-3138 e 2221-2960. O catálogo da biblioteca está disponível em www.realgabinete.com.br. Funciona de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h. Consultas no local. Para empréstimo de livros, é preciso ser sócio-contribuinte.

Eternos xodós dos torneios

Há 40 anos as mascotes sensibilizam jovens e adultos e promovem as competições internacionais

Quando pensamos em eventos como Jogos Olímpicos, Pan-americanos ou Copa do Mundo, as mascotes são um dos símbolos mais marcantes. Elas promovem os torneios, além de lhes darem identidade, e criam um laço afetivo com o público. Fazem sucesso sobretudo com crianças e jovens, ajudando a nutrir o espírito esportivo na garotada e a popularizar os eventos. Quase sempre os bonecos em que são transformadas estão presentes em *pins*, camisetas, canetas, cartazes, canecas e em todo tipo de produto que os marqueteiros conseguem bolar para vender enquanto duram os torneios.

Para os Jogos Pan-americanos de 2007, que serão realizados no Rio de Janeiro, o comitê organizador (Co-Rio) escolheu como símbolo o que a cidade tem de mais marcante: o sol. A intenção foi representar o cenário carioca, o espírito do brasileiro e ícones olímpicos, como a tocha, o ouro e o conceito de campeão. Em votação que mobilizou 1.226.563 pessoas em todo o Brasil, o nome vencedor para a mascote foi Cauê, com 465.408 votos. De acordo com o *site* do Rio 2007, Cauê é um nome próprio que vem do Tupi, possivelmente derivado de *auê*, uma saudação que significa "salve!". Também pode significar homem bondoso que age com inteligência. Alguns escritores afirmam ainda ser uma bebida tupi (*kawi*) que confere poderes de bondade e sabedoria.

De leão a laranja – A primeira mascote de eventos esportivos foi o leão Willie, da Copa do Mundo da Inglaterra, em 1966. Willie apareceu no pôster oficial da copa vestindo uma camisa com a bandeira do Reino Unido e se tornou muito popular. Os organizadores dos Jogos Olímpicos não tardaram a imitar a experiência bem-sucedida. Já nas Olimpíadas de Inverno de 1968, em Grenoble, na França, apareceu Schuss, um esquiador de cabeça vermelha e roupa azul. Ele foi amplamente utilizado no material promocional dos jogos.

Algumas das mascotes simbolizaram de tal forma a competição que permanecem na memória até hoje. Quem não se lembra do ursinho Misha, dos Jogos Olímpicos de Moscou, em 1980, na

ex-União Soviética? O bicho era o símbolo da URSS numa olimpíada marcada pelo boicote dos Estados Unidos e mais de 60 países às competições, por conta da invasão do Afeganistão pelos soviéticos no ano anterior. Ironicamente, em 2001, foi a vez de os norte-americanos invadirem o território afegão, dessa vez em nome do combate ao terrorismo.

Talvez uma das cenas mais famosas da história dos Jogos de 1980 tenha sido a imagem do ursinho chorando na cerimônia de encerramento, com a platéia erguendo placas coloridas nas arquibancadas. Mas o que poucos se lembram é que, além de Misha, havia outra mascote na mesma olimpíada. O leão marinho Vigri, criado para ser mascote do iatismo dos Jogos de Moscou, foi praticamente esquecido.

Inevitavelmente, quatro anos depois, nas Olimpíadas de Los Angeles, nos Estados Unidos, os soviéticos deram o troco e boicotaram os jogos, juntamente com

12 países comunistas. Na *q u e l a* competição, a mascote foi a águia Sam, criada por um veterano desenhista da Disney. O nome da ave foi uma referência à simbologia da águia e do Tio Sam.

O personagem – vestido de cartola e paletó com estrelas e com as cores vermelho, azul e branco da bandeira do país – se tornou um dos símbolos mais famosos dos EUA e do governo norte-americano. A encarnação mais famosa do Tio Sam é a dos pôsteres de recrutamento ▶

TEXTO

FABIO ARANHA

IMAGENS

DIVULGAÇÃO





para a I Guerra Mundial, que ostentavam a frase “I Want You for U.S. Army” (Eu quero você para o exército norte-americano), em que o personagem aponta para o leitor do cartaz. A homenagem é clara quando se nota que a águia utilizava a mesma cartola e gravata de Tio Sam.

No Brasil, duas mascotes de copas do mundo se tornaram bastante populares. A primeira, o simpático Naranjito, da malfadada Copa de 1982, na Espanha. Tratava-se de uma laranja vestida com o uniforme da seleção espanhola. Naranjito teve a distinção de ser a primeira (e única) fruta adotada como mascote do evento futebolístico mais importante do mundo. O personagem se tornou tão popular que chegou a ganhar a sua própria série de desenhos animados na televisão espanhola. Na copa de 1986, no México, a mascote não foi uma fruta, mas permaneceu na categoria dos alimentos. Era Pique, uma pimenta adornada com um enorme bigode, um *sombrero* e o uniforme da seleção mexicana.

Equívocos– É claro que nem sempre os organizadores de eventos esportivos acertam a mão na escolha do seu personagem-símbolo. Há vários exemplos de mascotes esquisitas que nos fazem perguntar: “mas em que eles estavam pensando?” Os melhores (ou talvez piores) exemplos são as mascotes da Olimpíada de 1996, em Atlanta; de 2000, em Atenas; e da Copa do Mundo de 2002, no Japão e na Coreia do Sul. Em Atlanta, a escolhida foi o bizarro Izzy. Seu nome original era “Whatizit?”, significando “o que é isso?”. Até hoje ninguém sabe a resposta. Tratava-se de um ser azul com um rabo envolto por três argolas olímpicas, boca e olhos enormes, com mais duas argolas e duas pequenas chamas em cima de seus globos oculares.

Para não ficar atrás, os organizadores dos Jogos de Atenas, em 2000, inventaram os irmãos Phevos e Athena. Phevos é o deus da luz e da música, enquanto Athena é a divindade da sa-

bedoria e protetora da capital da Grécia. Os personagens teriam sido inspirados em bonecos encontrados em sítios arqueológicos. Mas as mascotes foram consideradas tão feias pelos próprios gregos que pouco foram utilizadas nas camisas, nos cartazes e até nos eventos dos Jogos.

A Copa de 2002, na Coreia do Sul e no Japão, foi representada pelos *spheriks*, seres estranhíssimos feitos de energia que receberam esse nome porque seu objetivo era “criar uma atmosfera única e maravilhosa encontrada na Copa do Mundo”, de acordo com o *site* da Fifa. Seus nomes eram Ato, Nik e Kaz e vinham de um mundo chamado Atmozone, onde jogavam sua própria versão de futebol, conhecida por Atmoball(?).

Rio 2007– Os Jogos Pan-americanos também têm uma longa história de mascotes. Apesar de o Pan ter se iniciado em 1951, a primeira mascote surgiu em 1979, nos Jogos de San Juan, Porto Rico. Foi o sapo Coqui, uma espécie muito comum na ilha do Caribe. A ele se seguiram outros, como o pássaro Tocopan, dos Jogos de Havana, Cuba, em 1991, e o leão-marinho Lobi, dos Jogos de Mar del Plata, Argentina, em 1995. Nos últimos Jogos, realizados em 2003 em Santo Domingo, na República Dominicana, a mascote foi o peixe-boi Tito.

Nos Jogos que vão acontecer no Rio de Janeiro, no ano que vem, a escolha do sol como símbolo consumiu mais de um ano de pesquisa com mascotes de Jogos Olímpicos e Pan-americanos, além de pesquisas de mercado com crianças e adolescentes envolvendo os mais variados traços e formas. A mascote reproduz a linguagem utilizada em todas as peças do Rio 2007 – com os mesmos tons, recortes e cores chapadas – e será encontrada em todo o material promocional do evento. Agora, é só aguardar a chegada dos Jogos e torcer para que a nossa mascote seja tão popular quanto outras que a precederam. ■

Alunos que se tornam autores

Primeira Mostra de Narrativa amplia perspectivas de uma prática pedagógica criativa e inovadora

Desenvolver ações que favoreçam uma aproximação dos estudantes e gerar, em paralelo, mais conteúdo sobre temas contemporâneos para professores. Partindo dessas premissas, o programa *Século XX1* promoverá a 1ª Mostra de Narrativa para alunos. “Essa ação criativa envolveu a equipe do *Século XX1* de tal maneira que, já no primeiro semestre de 2006, desenvolveram-se o Sistema de Monitoria Virtual e oficinas de animação com alunos e professores, cujas produções hoje ilustram o próprio *site*. O resultado dessas iniciativas inspirou a idealização da 1ª Mostra de Narrativa de produções de alunos e professores na internet”, comenta a coordenadora do programa *Século XX1*, Wania Clemente de Castro.

A nova mostra é fruto da prática realizada pelo programa com oficinas de animação para professores e estudantes do segundo segmento do Ensino Fundamental. “A proposta é experimentar formas de narrativas e técnicas de animação com diversas mídias. Com a chegada de ferramentas como rádio, internet e vídeo, ampliam-se as perspectivas e as possibilidades de uma prática pedagógica criativa e inovadora”, defende Wania.

A idéia do contato direto com alunos não é nova para o *Século XX1*. A cada ano, a Mostra Trocando Idéias com o Século XX1 (*ver box*) apresenta experiências inéditas de estudantes e professores com animações, HQ, RPG e *blogs*.

A princípio, havia uma dúvida: saber como o novo produto poderia gerar ganhos para alunos

Mostra em novo formato

Em sua próxima edição, a Mostra Século XX1 ganhará, entre outras novidades, um espaço permanente na grande rede. “A idéia é buscar um novo conceito de apresentação e divulgação de trabalhos, mais prático e interativo”, afirma Wania Clemente. Segundo ela, a proposta é conservar a idéia de troca de experiências e exposição de projetos e estendê-la via internet. “Esta prática possibilitará conhecer os projetos realizados pelos professores das escolas de maneira flexível, a qualquer hora, de qualquer lugar e por um maior número de profissionais do ensino”, justifica a professora.

e professores da Rede Municipal. Logo, porém, ficaram claros os caminhos a serem trilhados. “O professor explorar novas mídias e linguagens é um desafio, principalmente frente a tantos fatores que dificultam a realização de algo novo na prática da sala de aula. Entretanto, a arte da narrativa transforma alunos em autores, animadores de seu imaginário, e professores em investigadores de novas formas de aprendizagem. Quem nunca desejou ver sua criação se movendo e brincando por conta própria, como se fosse de verdade?”, indaga Wania Clemente.

A coordenadora lembra ainda que, sem perder de vista os eixos curriculares da Multieducação, é possível imaginar uma história, projetá-la e dar vida a suas idéias e personagens. “Brincando com palavras, traços, cores, luz, estilos, técnicas e tecnologias, são constituídos valores éticos, estéticos e políticos”, comenta.

Desde que souberam da 1ª Mostra de Narrativa, professores e alunos têm demonstrado um grande interesse por eventos promovidos pela SME/MULTIRIO que motivem e divulguem seus projetos e produções. Para Wania, é curioso perceber que a animação vem conquistando muitos adeptos na escola. “Em visitas aos laboratórios de informática, vemos massinha de modelar ganhando vida, bonecos que se metem em confusões, desenhos que falam, mexem-se e encantam todos. Aventura, drama, comédia e terror, enfim, todos os estilos são explorados. Talvez seja por isso que estejam ávidos para conhecer o regulamento da 1ª Mostra de Narrativa”, especula.

Podem participar da 1ª Mostra todas as formas de narrativa. Estão valendo desde as mais tradicionais, como a produção no papel, a máquinas digitais fotográficas, filmadoras, celulares e computadores. Wania acredita que a participação dos professores pode influir criativamente no processo educativo. “Em princípio, a participação será intensa, pois a troca, a comunicação e a aproximação entre alunos e professores é bem maior. Ambos são aprendizes de novas técnicas e tecnologias”, observa. ■

TEXTO

LUÍS ALBERTO PRADO, EDITOR
DO PROGRAMA SÉCULO XX1

SAIBA MAIS

Links com o regulamento da Mostra
http://www.multirio.rj.gov.br/portal/_download/revista34.pdf
http://www.multirio.rj.gov.br/portal/_download/revista35.pdf
http://www.multirio.rj.gov.br/portal/_download/revista39.pdf
http://www.multirio.rj.gov.br/portal/_download/gira37.pdf
<http://www.multirio.rj.gov.br/portal/monitomania>

O limite do Sistema Solar

Os objetos transnetunianos estão até 100 mil vezes mais distantes do Sol que a Terra

Nas escolas, é comum encontrarmos imagens do Sistema Solar formado apenas pelo Sol e nove planetas. Uma definição mais rigorosa nos diz que Sistema Solar é o conjunto de corpos sob influência considerável da gravidade do Sol. Isso inclui bem mais que os nove planetas. De imediato, temos satélites, asteróides e cometas. Hoje, sabemos que os cometas vêm de regiões longínquas, onde estão os objetos chamados transnetunianos. Vamos lembrar um pouco esses distantes membros da família solar.

da nebulosa original, levando à formação de sistemas múltiplos de estrelas, associações ou aglomerados. O que vai acontecer com a estrela depende basicamente de sua massa e da interação com as possíveis companheiras. A nebulosa que deu origem ao Sol formou apenas uma estrela.

Nossa nebulosa original tinha um movimento de rotação, que aumentava de velocidade à medida que a nuvem se contraía, segundo a lei física da conservação do momento angular. A maior concentração aconteceu na parte central, onde estava se formando o Sol, mas nem todo o material da nebulosa se concentrou ali. Parte dele formou um disco. Nesse disco em formação, girando em torno do Sol, nasciam os planetas.

Rochosos e gasosos – Ainda não há consenso na comunidade astronômica sobre muitos aspectos da formação do Sistema Solar. Não há dúvidas, entretanto, de que na região próxima ao Sol se concentraram partículas sólidas, dando origem aos chamados planetas rochosos ou interiores: Mercúrio, Vênus, Terra e Marte. Em regiões mais afastadas, surgiram os gigantes gasosos ou planetas exteriores: Júpiter, Saturno, Urano e Netuno. Ainda se questiona se os planetas gasosos possuem um núcleo sólido. Se você está sentindo falta de Plutão entre os planetas, espere um pouco. Vamos ver que ele é um caso à parte.

É provável que por meio do efeito de sua gravidade os gigantes gasosos – principalmente Júpiter, o maior e mais massivo de todos – tenham arremessado partículas sólidas em todas as direções. Muitas se concentraram depois de Netuno no plano das órbitas dos planetas e outras se espalharam acima e abaixo desse plano. O material não era denso o suficiente para formar objetos de tamanho comparável aos dos planetas rochosos, mas suficiente para dar origem a vários corpos pequenos.

No plano em que se formaram os planetas, temos uma região repleta de pequenos e gelados objetos, que ficou conhecida como Cinturão de Kuiper. A partir do Sol, ela se estende de cerca



Figura 1 – Comparação entre os tamanhos aproximados de Sedna, Quaoar, Plutão, Lua e Terra

Para compreender em linhas muito gerais a formação de uma estrela, devemos começar entendendo que elas nascem a partir de nebulosas, nuvens de gás e poeira encontradas nas galáxias. É necessário que algo perturbe essa nebulosa, como a onda de choque provocada pela explosão de uma estrela próxima. Se a massa da nebulosa for superior a um valor chamado Massa de Jeans, a perturbação faz com que ela comece a se contrair. A Massa de Jeans leva em consideração densidade, temperatura e composição química, por isso seu valor varia de nebulosa para nebulosa. A contração poderá produzir um corpo capaz de realizar em seu interior reações de fusão, produzindo hélio e liberando luz e calor. Se isso acontecer, nasce uma estrela.

Estrelas de várias massas podem surgir assim. É muito comum ocorrer fragmentação

TEXTO

LEANDRO LAGE DOS SANTOS
GUEDES, ASTRÔNOMO NA
FUNDAÇÃO PLANETÁRIO

IMAGENS

DIVULGAÇÃO

de 30 vezes a distância média da Terra ao Sol até 50 vezes essa distância¹.

A idéia do cinturão composto por pequenos corpos circundando o sistema planetário já havia sido proposta por outros cientistas após a descoberta de Plutão. Em 1951, o astrônomo holandês Gerard Kuiper percebeu que dessa região deveriam vir os cometas de curto período – aqueles que completam uma volta ao redor do Sol em menos de 200 anos. Em geral, esses cometas apresentam órbitas pouco inclinadas em relação às dos planetas. Um célebre exemplo é o cometa Halley, cuja volta ao redor do Sol dura aproximadamente 76 anos.

Antes da proposta do cinturão de Kuiper, Plutão era um mistério. Hoje sabemos que iguais a ele existem milhares de corpos e muitos já foram observados e catalogados. Um deles é Quaoar, que aparece representado artisticamente na figura 1 para a comparação de seu tamanho com os de Sedna, sobre o qual falaremos adiante, Terra, Lua e Plutão (as imagens de Sedna e Plutão também são representações artísticas e não fotografias). Consideramos Plutão um planeta apenas por questões históricas, pois foi descoberto antes da idéia do Cinturão de Kuiper. Se Plutão fosse descoberto hoje, não seria considerado planeta.

Sobrepondo-se ao limite externo do Cinturão de Kuiper, há o início de uma região menos povoada conhecida como *scattered disk*, ou disco disperso. Formada provavelmente por objetos do Cinturão de Kuiper espalhados pela gravidade dos planetas exteriores, os corpos dessa região têm órbitas mais inclinadas e mais alongadas. Um provável membro do disco disperso fez fama ao ser anunciado: o Sedna, descoberto em 2003. Alguns astrônomos acham que Sedna deve ser considerado objeto da Nuvem de Oort.

Transnetunianos – Em 1950, antes da contribuição de Kuiper, outra estrutura ainda maior havia sido proposta para o Sistema Solar. Observando cometas de longo período – aqueles que completam uma volta ao redor do Sol em mais de 200 anos –, o astrônomo holandês Jan Oort percebeu que não havia um plano preferencial para as suas

¹ A distância média da Terra ao Sol é chamada de *unidade astronômica* e vale, aproximadamente, 150 milhões de quilômetros.

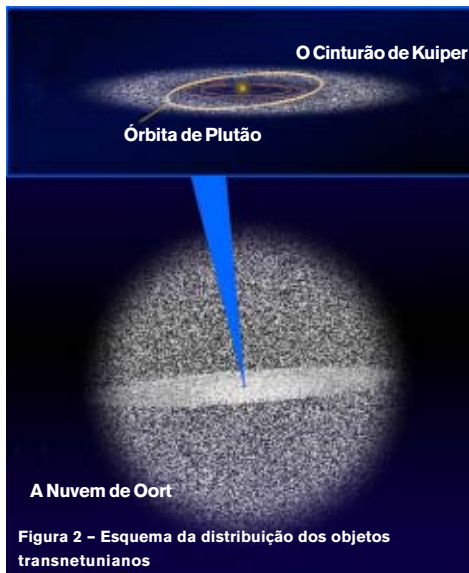


Figura 2 – Esquema da distribuição dos objetos transnetunianos

órbitas. Ao contrário dos cometas de curto período, os estudados por Oort vinham de direções aleatórias do céu. Ele propôs que esses objetos estariam distribuídos esféricamente ao redor do Sol, formando o que mais tarde seria conhecido como Nuvem de Oort. Essa possibilidade já havia sido levantada em 1932 por outro astrônomo, Ernst Öpik, e, por isso, a região também é conhecida como Nuvem de Öpik-Oort. Eventualmente, esses corpos são perturbados e atraídos pela gravidade do Sol e atingem regiões mais internas do Sistema Solar.

Os objetos encontrados no Cinturão de Kuiper, no disco disperso ou na Nuvem de Oort são conhecidos como objetos transnetunianos. Só recentemente foi possível a observação de vários desses corpos devido ao avanço das tecnologias observacionais e, em especial, ao advento dos telescópios espaciais.

A Nuvem de Oort engloba os últimos corpos sob influência gravitacional considerável do Sol. Esse pode ser considerado o limite do Sistema Solar e estende-se até uma distância de cerca de 100 mil vezes a distância média entre Terra e Sol, a partir do Sol. A figura 2 mostra uma representação da distribuição dos objetos transnetunianos.

Ainda que a expressão pareça referência a alguma ameaçadora civilização extraterrestre, os transnetunianos podem ser compreendidos como membros do Sistema Solar por muitos estudantes, o que é mais satisfatório que a visão simplificada de apenas Sol e nove planetas. Essa simplificação leva a conceitos errados que, em geral, perduram por anos. ■

Professores-leitores para formar alunos-leitores

Nas sociedades orientadas à ampliação dos modos de produção, difusão, acesso e consumo da informação, é cada vez mais indispensável a promoção da leitura e da escrita como projeto político-social. A formação de leitores assume nesses projetos posição de destaque e é consensualmente vista como atributo fundamental para a formação do cidadão.

Mas, por trás dessa ampla unanimidade em relação à importância da formação de cidadãos leitores no mundo contemporâneo, há múltiplas e complexas variáveis subjacentes que afetam a compreensão do que é leitura e leitor em diferentes espaços e tempos. Entre os ambientes em que se desenvolvem práticas sociais de leitura, a escola é considerada a maior responsável pelo amplo e irrestrito acesso ao mundo das letras, abarcando a leitura informativa, a leitura para fins pragmáticos, a leitura literária e tantas outras que a vida real exige do sujeito-leitor.

Assim, é importante termos clareza quanto ao projeto político-social que a escola assume para a formação de leitores. Se observarmos com atenção, identificaremos nas escolas projetos cujos valores, concepções, crenças e finalidades engendram modos de sentir-pensar-experimentar a leitura e o papel do leitor de maneira diferenciada. Adotar nas escolas projetos sociais de formação de leitores não comprometidos com a diversidade e complexidade de formas escritas e com as múltiplas práticas e habilidades necessárias à apropriação dessas formas em diferentes contextos de uso é legitimar processos de exclusão que reforçam as condições de vida e a manutenção de gerações de alunos-leitores passivos, consumidores e armazenadores da informação, ou até mesmo de alunos não-leitores, distanciados dessa prática.

No processo de escolarização da leitura, o termo ler é verbo transitivo (Soares, 2005): é um processo multifacetado que depende do gênero, da natureza e do objetivo que se tem ao ler. Dessa forma, a escola deve ter o compromisso de viabilizar a seus alunos o acesso à variedade de textos que circulam nas sociedades grafocêntricas.

Seguindo esta lógica, cabe ao professor oferecer a seu aluno uma gama de textos para que ele se familiarize e desenvolva habilidades e ati-

tudes de leitura necessárias para se apropriar de diferentes tipos de discurso. Porém, o texto literário ocupa uma posição de destaque em relação às atividades escolares, em função de sua natureza específica e de sua estrutura de linguagem. A literatura, por ser uma produção artística e ter como ingrediente principal a fantasia, acaba por estimular a curiosidade nos leitores, ampliando seus horizontes e capacitando-lhes com criatividade e espírito crítico para lidar com a vida real em função do acúmulo de experiências vividas imaginariamente. Ao mesmo tempo, além de possibilitar também a apropriação do registro padrão da língua, refinando o desempenho lingüístico do leitor, a leitura literária favorece o crescimento intelectual, pois interfere no seu pensamento/raciocínio lógico por meio do desenvolvimento e aprimoramento da linguagem.

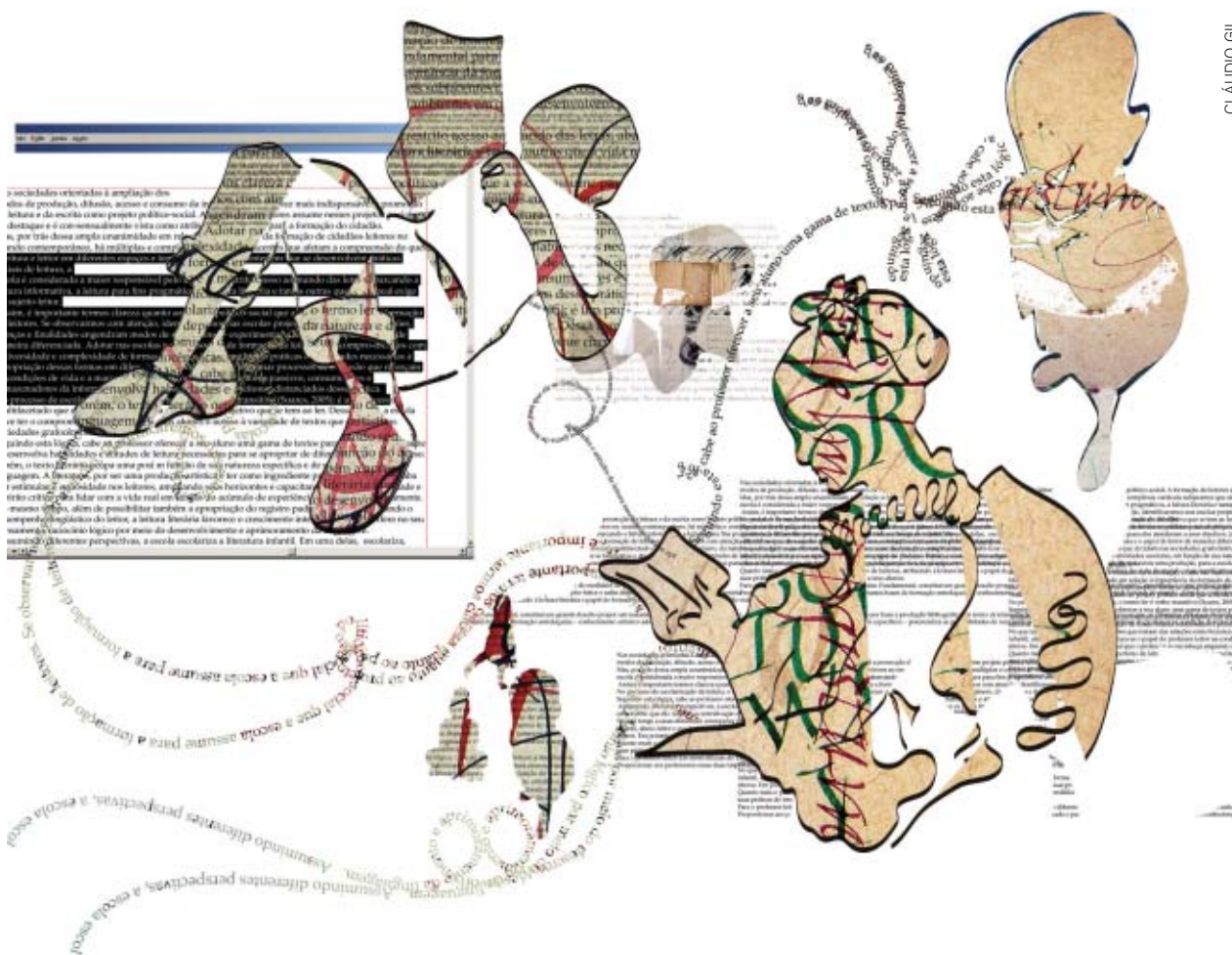
Assumindo diferentes perspectivas, a escola escolariza a literatura infantil. Em uma delas, escolariza, didatiza, pedagogiza os livros literários para eles atenderem a seus objetivos. Já em uma segunda perspectiva, as relações entre escolarização e literatura infantil são centradas na visão de que existe uma produção, para a escola, de uma literatura destinada às crianças, ou seja, a literatura é produzida para atender aos objetivos e ser consumida pela escola. Ora escolarizando, didatizando, pedagogizando os livros literários para eles atenderem a seus objetivos, ora criando um filão para o mercado editorial no que diz respeito à centralização de temas infantis relacionados à prática pedagógica, consumidos adequadamente pela escola.

No que tange a essas diferentes concepções que tratam das relações entre literatura infantil, aluno-leitor e escolarização, destaca-se o papel do professor-leitor na condição de mediador do processo de formação de futuros leitores. Em primeiro lugar, é fundamental que o professor se reconheça enquanto sujeito-leitor e saiba dimensionar suas práticas de leitura literária. Quanto mais o professor ampliar seu repertório de leituras, atribuindo à leitura literária o papel de formadora das sensibilidades e ampliadora da visão de mundo, mais significativas serão suas práticas de letramento literário propostas a seus alunos.



Marcela Afonso Fernandez

Professora 2 na Rede Municipal; professora na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); professora na Universidade Estácio de Sá (Unesa); doutoranda em Educação na Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ).



CLÁUDIO GIL

Para o professor-leitor das séries iniciais do Ensino Fundamental, constitui um grande desafio propor um tratamento diferenciado do texto literário, assumindo-o como prática artística. Tomando por base a produção bibliográfica em torno da triangulação formação-professor-leitor, observa-se que os diferentes enfoques de formação ora giram em torno da fundamentação teórica do professor – disciplinas e teorias atualizadas e pertinentes –, ora recaem sobre a experiência com a literatura pelo acesso à leitura de diferentes textos literários, estimulando-os a gostar de ler.

Proporcionar aos professores essas duas importantes bases de formação entrelaçadas – conhecimento artístico adequado e pertinente às várias leituras de mundo, além dos conhecimentos teóricos específicos – potencializa as possibilidades de ressignificar e redimensionar os trajetos de leitura do professor na condição de leitor bem como de sua prática educativa como

mediador da leitura literária de seus alunos. Ao incorporar esse projeto social de leitura em sua ação pedagógica, o professor passa, assim, a promover o aluno-leitor, para além do livro literário e da leitura. ■

Referências bibliográficas

- CABRAL, Márcia. A criança e o livro: memória em fragmentos. In : KRAMER, Sônia & LEITE, Maria Isabel (orgs). *Infância e produção cultural*. Campinas, SP, Papirus, 1998.
- PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça & VERSIANI, Zélia. *Leituras literárias: discursos transitivos*. Belo Horizonte, Autêntica, 2005.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Conferências sobre leitura – trilogia pedagógica*. Campinas, SP, Autores Associados, 2003.
- _____. *Unidades de leitura – trilogia pedagógica*. Campinas, SP, Autores Associados, 2003.
- _____. *Leitura em curso – trilogia pedagógica*. Campinas, SP, Autores Associados, 2003.

Tempo para adaptação

A resposta educativa adequa currículos às características de aprendizagem de cada criança

TEXTO
EQUIPE DO INSTITUTO HELENA
ANTIPOFF

FOTOS
ALBERTO JACOB FILHO

Durante muito tempo, as crianças precisavam se adaptar aos currículos escolares. Quem não conseguia essa proeza era excluído da escola. Todos concordavam com isso e não havia qualquer estranheza, pois a escola era o centro do processo. A criança deveria responder à escola.

Hoje, é a escola que responde a todas as crianças de sua comunidade, adequando as realidades a serem vividas às características de aprendizagem de cada uma delas. A esse novo processo chamamos de resposta educativa.

Somente por meio de um projeto pedagógico, próprio à sua realidade, que vá ganhando corpo e sentido pelos ajustes feitos no planejamento/replanejamento, no desenvolvimento e na avaliação, essas respostas educativas serão delineadas e serão sempre únicas e singulares.

Respostas educativas inadequadas às necessidades dos alunos produzem situações difíceis de relação, facilitando atitudes de desinteresse, indisciplina, problemas de atenção e sentimentos de incapacidade e insegurança por parte dos alunos e professores, transformando ainda a sala de aula ou toda a escola em um ambiente tenso e desagradável, onde pouco se aprende.

A resposta educativa não é responsabilidade individual do professor da turma, mas das medidas coletivas tomadas como decisão de toda a escola e muitas vezes com ajuda dos níveis intermediário e central. Estas são medidas referentes ao tratamento a ser dado a toda sorte de diversidades existentes.

Entre as medidas decididas pela escola para desenvolver uma resposta educativa capaz de ser de qualidade para todos os alunos, estão o respeito à regionalidade e às características culturais dos grupos e as adequações curriculares para os portadores de necessidades educativas especiais.

Introduzido no funcionamento da vida escolar, interagindo dialogicamente com as pessoas, com os objetos, com o conhecimento, enfim, o aluno aprende e transforma seus comportamentos iniciais em atitudes mais produtivas e facilitadoras de novas aprendizagens e desenvolvimento.

É com base no conhecimento das necessidades educativas especiais que podem ser realizadas as adaptações curriculares, isto é, adequações feitas à proposta curricular, de modo que se possa atender às diferenças dos portadores de necessidades educativas especiais, permitindo que tenham acesso a conhecimentos e valores, tendo sempre como horizonte os princípios fundamentais e os núcleos conceituais expressos na proposta Multieducação.

Para que se possa proceder às adaptações, é necessário antes de tudo que seja fei-



to um levantamento das necessidades educativas de cada aluno. Esse levantamento ocorre tanto no início como ao longo de todo o processo de ensino/aprendizagem. As adaptações serão redefinidas à medida que o aluno superar dificuldades anteriores.

Tomar decisões que atendam às necessidades educativas dos alunos exige conhecimentos a respeito do nível de aprendizagem escolar; dos níveis de desenvolvimento real e proximal; dos interesses e motivações de cada aluno; do entorno social – escolar, familiar, comunitário; dos hábitos básicos de higiene e autonomia; da situação quanto à comunicação oral e/ou escrita; dos códigos de comunicação que utilizam, procurando sempre pensar nos recursos necessários para favorecer a aprendizagem desses alunos.



Para saber mais

Na sala de leitura de sua escola ou pela internet, você encontrará em Multieducação, Parte 3, orientações sobre educação especial. Para auxiliar a sua tarefa de descobrir novas formas de realizar a sua prática pedagógica com alunos que apresentam necessidades educacionais especiais ou não, procure também as publicações do Instituto Helena Antipoff (IHA). Os *Cadernos de pesquisa* – volumes 1 e 2 e a série *Falando de...*, composta pelas coletâneas *Falando de integração* e *Falando de cotidiano escolar*, foram distribuídos para todas as escolas. Caso você deseje mais informações, ligue para o IHA ou envie *e-mail*, que teremos grande interesse em contribuir.

Instituto Helena Antipoff

Rua Afonso Cavalcanti, 455, sala 465,
Cidade Nova
Tel.: (21) 2293-0457 e 2503-2348

Centro de Referência em Educação Especial do Instituto Helena Antipoff

Rua Mata Machado, 15, Maracanã
Tel.: (21) 2569-0378
smeiha@pcrj.rj.gov.br

É fundamental integrar as várias áreas de conhecimento, promover estratégias contextualizadas, criar instrumentos que permitam avaliar continuamente o desenvolvimento dos alunos, priorizando certos objetivos e conteúdos, ou acrescentando os que se fizerem necessários, de acordo com a especificidade que cada caso apresentar.

A tomada de decisões com respeito a o quê, como, e quando ensinar, necessita de que estejamos todo o tempo avaliando o processo ensino/aprendizagem. Trata-se de um processo dinâmico em que avaliação e ensino/aprendizagem são duas faces de uma mesma moeda, no qual cada uma delas está sempre se redefinindo a partir da outra.

A avaliação deve considerar não somente as dificuldades e limites percebidos, mas os aspectos positivos ou que favoreçam a aprendizagem dos alunos – verificando o que vale a pena ser enfatizado –, e ser voltada à construção de um saber autêntico e relacionada à experiência vivida pelo aluno.

Muitos dos alunos que têm conseguido avançar no seu desenvolvimento e na aprendizagem têm professores que, por entenderem que existem diferentes tipos de desenvolvimento, procuram com eles constituir caminhos alternativos de forma a contribuir para a superação de seus limites, em uma visão prospectiva. ■

Música a um clique do mouse

Portal tira dúvidas sobre o universo clássico através de passeio virtual por conjunto de músicos



TEXTO

BETE NOGUEIRA

IMAGENS

REPRODUÇÕES DO PORTAL

MULTIRIO. ARTE DE

ALESSANDRA OLIVEIRA

Ao ouvirmos uma bela peça clássica, muitas vezes nos deixamos levar pelas sensações que a música passa e não nos damos conta de que cada nuance, cada intervenção, cada segundo de silêncio, enfim, tudo é minuciosamente pensado para se alcançar aquele resultado.

O Portal MULTIRIO pôs no ar um serviço completo para entendermos melhor como funciona uma orquestra. É fácil e divertido: o usuário pode navegar pelo desenho que aparece na tela, escutar o som de cada instrumento e aprender a posição em que fica cada músico. De acordo com a editora do Portal, Eliane Bardanachvili, o objetivo é oferecer um conteúdo diversificado e atraente sobre um tipo de música que pouco se costuma ouvir. “Quanto mais conhecemos, mais aprendemos a admirar e usufruir”, considera. “Procuramos contemplar os 250 anos de Mozart e estreitar a parceria com a Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB), patrocinada pela Prefeitura do Rio”, explica Eliane.

O músico Paulo Muylaert produziu os sons dos instrumentos. Do lado esquerdo, é possível saber mais sobre suas peculiaridades, a que grupo pertencem (cordas, metais, percussão etc.) e como surgiram. A importância do maestro e o seu gestual também são explicados.

Aliás, qual a importância dos movimentos que o regente faz com a batuta? Cada apresentação é única, reflete a visão que o maestro tem

daquela obra – ou seja, ele imprime sua interpretação, como fazem os diretores de teatro, por exemplo. Quem esclareceu essa e muitas outras questões levantadas pela jornalista Diana Souza, da equipe do Portal, foi o maestro Bernardo Bessler, da OSB Jovem. O portal ainda exibe um *flash* com a própria Sinfônica Brasileira.

Estudar como funciona um conjunto orquestral pode ajudar em aulas de Matemática, por exemplo. Conhecer o contexto em que viveram os grandes nomes do gênero serve para ilustrar lições de História e Geografia. Para completar a aula, é possível marcar hora para assistir com os alunos à programação de música clássica na cidade. Basta consultar o *site* da Secretaria Municipal das Culturas.

Ano do gênio – Em 2006, comemoram-se os 250 anos de nascimento do compositor austríaco Wolfgang Amadeus Mozart (27/01/1756). Ele revolucionou a música que dominava a Europa em sua época e, em seus 35 anos de vida, deixou mais de 600 obras. O Portal vem, desde o início do ano, exibindo matérias sobre o autor de *O barbeiro de Sevilha* e *A flauta mágica* e sobre música clássica. No arquivo, o usuário pode pesquisar dados sobre o gênio austríaco e consultar um glossário a respeito do universo clássico. Quando a orquestra virtual sair da página principal, ficará disponível no arquivo, assim como todo o conteúdo do Portal. ■

SERVIÇO

- Portal MULTIRIO – www.multirio.rj.gov.br.
- Programação de música clássica – No *site* da Secretaria Municipal das Culturas, em www.rio.rj.gov.br/smc.
- Programação da OSB e OSB Jovem – www.osb.com.br

Um universo de descobertas

Pais sociais e professores do Programa de Alunos Residentes conhecem os bastidores da MULTIRIO

Desenhos transformados em animações. Pautas, pesquisas e entrevistas que resultam em programas de TV, publicações e textos de *web*. O dia-a-dia dos profissionais da MULTIRIO pôde ser visto de perto por mais de 50 pais sociais e professores do Programa Alunos Residentes (PAR) da Secretaria Municipal de Educação (SME), que visitaram a sede da empresa no início de julho. A visita marcou o encerramento das atividades promovidas pela Assessoria de Integração da MULTIRIO e pelo Departamento Geral de Educação da SME, com o objetivo de debater a programação da TV.

Nos olhos de cada visitante, o brilho de muitas descobertas, especialmente de recursos e ações que passam despercebidos a quem recebe as produções da MULTIRIO pela TV, internet ou impressos. “Sempre via, na abertura do *Rio, a Cidade!* [programa diário, transmitido ao vivo pela MULTIRIO, na BandRio], aquele livrinho em que vão se desdobrando os personagens e já achava lindo. Agora que vi como é feita a animação, passei a gostar mais ainda”, afirma Maria Helena Andrade Barbosa, mãe social há 11 anos no Ciep Olof Palme, em Bangu.

Assim como outros pais e mães sociais, Maria Helena não havia tido a oportunidade de conhecer de perto a rotina de uma produtora de mídias. Divididos em grupos, todos ficaram encantados com a produção de desenhos animados, especialmente ao verificar o processo que envolve o projeto *Carta Animada pela Paz*, em que alunos de escolas localizadas em áreas com baixo IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) têm acesso à linguagem da animação. Outro lugar que despertou a atenção dos visitantes foi o estúdio onde é gravado diariamente o programa *Rio, a Cidade!*, assim como a área da programação, de onde são controladas as transmissões para a BandRio e canais 12 e 14 da Net.

“Achei ótima a visita. Apreendi muita coisa. O mais interessante foi ver como são feitas as animações. Ali, voltei a ser criança”, garante Maria Madalena Belger de Aquino, mãe social no Ciep



As mães sociais do Programa Alunos Residentes assistem a uma palestra na MULTIRIO

Francisco Cavalcante Pontes de Miranda há quatro anos. Ela achava que a visita seria cansativa, mas se surpreendeu. “Não conhecia os bastidores de uma produção de TV. Na verdade, nem tenho muito tempo para sentar em frente à TV. Acompanho mais a revista [NÓS DA ESCOLA], principalmente as matérias que falam sobre como lidar com as crianças”, conta.

Já Mariza Freitas Ferreira Lima, mãe social há 14 anos no Ciep Margaret Mee, costuma ver sempre o programa *Nós da Escola*, mas não tinha a menor idéia de como era realizado. “A programação da MULTIRIO é muito boa, deveria ser mais divulgada, porque as crianças ficam vendo bobagens, como novelas e programas violentos”, diz ela, com a experiência de quem cuida de seis meninas do PAR no Ciep, além de quatro filhos biológicos.

Antes da visita, os pais sociais participaram de encontros com a equipe da Assessoria de Integração da MULTIRIO para discutir o impacto da TV nas crianças e a qualidade da programação. O PAR atende crianças e adolescentes em situação de risco social por meio de um conjunto de ações realizadas a partir da escola. O grupo de pais sociais é formado por casais selecionados entre funcionários do Município e da Guarda Municipal e acolhe temporariamente alunos em residências localizadas em 33 Cieps da Rede. **(Colaborou Renata Petrocelli) ■**

TEXTO

ÉLIDA VAZ

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO



Múltiplas expressões do olhar

Todo o mundo já ouviu falar que uma imagem vale mais que mil palavras. Quem nisso acredita categoricamente tende a ter uma ligação intensa com fotografia, ilustração ou animação. Mas a realidade não é bem assim. Precisamos tanto das imagens quanto das palavras, porque elas interagem na tarefa de conferir significados e de criar possibilidades de interpretação. Não há dúvida de que a relação do homem com a imagem é mais antiga. A partir de desenhos rupestres, nossos antepassados deixaram gravadas as primeiras expressões da cultura. De lá para cá muitas transformações ocorreram, principalmente com o desenvolvimento da tecnologia.

A palavra imagem veio do latim *imitago*, que depois se transformou em *imago*, o que significa semelhança, retrato, comparação. Em suma, seria uma representação ou imitação da realidade. Com suas mãos, o homem começou a delinear traços para registrar um animal, uma pessoa ou a Lua, o Sol, as árvores. Também passou a fazer a representação de seus deuses. O tempo voou e vieram as pinturas impressionistas, a arte abstrata, que não tem a pretensão de copiar o real.

Com o surgimento da fotografia, o homem teve a oportunidade de eternizar instantaneamente aquilo que o seu olhar captava. As fotos tornaram-se verdadeiros arquivos históricos familiares. As coisas mudaram mais ainda com a chegada do cinema, que colocou as imagens em movimento. Depois, com a televisão, elas invadiram nossas casas, trazendo situações reais e ficcionais. Hoje, outros meios visuais que nos seduzem pelo olhar são a animação, a computação gráfica e a internet.

Nosso olhar não é único. Cada um vê de uma forma e faz esse exercício de diferentes maneiras. Uma única pessoa pode ver a mesma imagem de vários ângulos, considerando pontos de vista diversos. Diante de uma imagem, tem-se uma impressão e, passada uma fração de tempo, o mesmo indivíduo, diante da mesma imagem, não vivencia de igual modo sua experiência visual anterior.

Há quem diga que homens e mulheres têm visão distinta. Os psicólogos norte-americanos Bárbara e Alan Pease, autores de *best-sellers* sobre relacionamento, dizem que os homens

desenvolveram mais a visão a longa distância porque nos primórdios precisavam caçar e identificar alvos distantes, enquanto as mulheres têm visão periférica mais aperfeiçoada, já que eram responsáveis pela criação dos filhos e, por isso, precisavam enxergar tudo à volta para cuidar da família e dos alimentos. Mito ou não, o fato é que temos múltiplas formas de observar o mundo e as pessoas.

Do caleidoscópio ao 3D – O exercício do ver pode estar no brinquedo, no lazer, nos estudos e também no trabalho. Está no caleidoscópio, na luneta, no quadro-negro, no microscópio e também na pintura de um modelo vivo ou de uma paisagem, na fotografia que se tira do pôr-do-sol ou de um pai embalando seu filho, nos desenhos animados de *stop motion*¹, como *A noiva-cadáver*, ou de 3D, como *Os incríveis* e *Procurando Nemo*.

O homem é capaz de olhar corriqueiramente para uma pessoa e não vê-la, ou usar os olhos de forma automatizada, quando guia um veículo, por exemplo, porque sabe o que está fazendo, mas não pensa nisso. Ou, ainda, admirar atentamente uma mulher ou homem que passa na rua; dar aquela olhada do tipo *scanner* ▶

¹ *Stop motion* e 3D são técnicas de animação. Na primeira, o animador fotografa objetos, quadro por quadro. Entre um fotograma e outro, os objetos são mudados um pouco de posição. Portanto, quando o filme é projetado a 24 fotogramas por minuto, temos a ilusão de que os objetos estão se movimentando. Já o segundo método é feito por computação gráfica.

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

ILUSTRAÇÕES

RUI DE OLIVEIRA



O ilustrador Rui de Oliveira em seu ateliê, onde transforma idéias e sonhos em belas imagens

quando chega a um ambiente novo; ou explorar o sentido da visão de uma maneira ainda mais crítica e contemplativa, quando pára diante de uma obra de arte nas salas de exposição dos museus.

O animador e ilustrador Rui de Oliveira diz que as pessoas interpretam aquilo que vêem de acordo com sua cultura e educação. Para ele, a imagem não está no olho do observador nem no objeto. “É algo que está no meio. Em outras palavras, o que você vê é a expectativa do ver”, ensina. Com 30 anos de estrada, oito desenhos animados e 115 livros ilustrados na bagagem, Rui afirma que o criador de imagens não trabalha apenas com a imaginação, mas usando referências de coisas que vê. Para ele, o prazer de desenhar e animar está no processo de fazer.

Envolvido com um trabalho de ilustração para um livro sobre a infância de D. Pedro II, Rui conta que, para criar as imagens, precisou visitar a cidade de Petrópolis, onde viveu a família imperial, conhecer a indumentária, o mobiliário, a tapeçaria e a arquitetura da época. “Vou fazendo um inventário sobre o personagem. Esse é um processo que se assemelha ao trabalho de laboratório de um ator. A imagem não vem da imaginação. Isso é uma ilusão profunda, é uma certa leviandade dizer que ela vem unicamente do seu processo criativo individual”, acrescenta o animador, que considera a arte de desenhar tão prazerosa e lúdica quanto a arte de ser espectador dela.

Imagens da memória – Além das referências de trabalhos alheios, é possível recriar suas próprias imagens. Rui diz que toda a sua obra já foi desenhada antes por ele mesmo, em antigos cadernos. Existem curiosidades na memória visual que ele não sabe explicar. Em uma

exposição sua, por exemplo, descobriu, em um personagem ilustrado na década de 1970, o rosto do próprio filho, nascido anos depois. “O retrato de Diego, meu filho, está lá no livro de Fernando Lobo² chamado *Quem pintou o arco-íris?*”, garante. A experiência só reforça o conceito de que uma realização estética não é apenas a cópia de algo que já foi feito por ele, mas pode prescindir de uma relação estreita com o chamado mundo real.

Se alguns fazem retratos com o lápis, outros pintam paisagens com um clique. A fotografia, excluída no passado do rol das expressões artísticas, hoje tem *status* social. Conhecidos como pintores de luz, os fotógrafos começaram sua atividade registrando imagens de pessoas. Na avaliação do psicanalista e fotógrafo José Inácio Parente, a foto foi uma maneira de eternização do ser humano e também de aproximação. Nas viagens, as pessoas levavam retratos de entes queridos para mostrar a parentes distantes. A troca de retratos aos poucos tornou-se comum.

Hoje a fotografia ainda tem esse caráter de troca, só que com mais velocidade. As fotos não chegam a lugares distantes na bagagem do viajante, mas pela internet, por meio de *e-mails*, Messenger, Orkut e fotologs. Com as novas tecnologias, a distância foi praticamente abolida e a quantidade de imagens cresceu exponencialmente.

O fenômeno de se fotografar e fotografar os outros passa a ter um aspecto documental. É a prova concreta da nossa existência. Parente lembra de duas situações que confirmam esse argumento. Em uma delas, ele fazia um ensaio no Alto da Boa Vista, fotografando um ritual de candomblé. Em determinado momento, sentiu alguém bater no seu ombro. Ao avistar uma moradora de rua com uma criança no colo, logo imaginou que ela queria esmola. Mas sua surpresa foi grande ao escutar: “Tira a foto do meu filho? Ele nunca foi fotografado.” Ser registrado pelas lentes virou uma espécie de garantia de identidade. Além de ser, todos precisam ser vistos por si próprios e pelos outros.

²Fernando Lobo é compositor, autor de livros sobre música e escritor de diversas histórias infantis, entre as quais *O cometa vassourinha*, em parceria com Ziraldo, *Quem pintou o arco-íris* e *Ciranda das sete notas*.

Outro exemplo da importância social atribuída naturalmente à fotografia foi percebido por Parente em uma feira livre. Ele avistou um casal de feirantes idosos e resolveu fotografar o senhor. Na mesma hora, o homem virou-se para a mulher e comemorou: “Maria, agora já posso morrer.” É como se sua imagem garantisse que ele ficaria para a posteridade e não cairia no esquecimento.

Beleza registrada – A imagem, que antes era um simulacro do mundo, tornou-se uma forma a mais de vê-lo. Em alguns casos, ainda, tornou-se mais bonita que o próprio mundo. É isso o que pensa Parente quando vê a foto de um pôr-do-sol. “É estimulante pintar um quadro com um clique. Aquele olhar é único. Só você foi capaz de fazer daquele jeito”, diz o fotógrafo, que sabe bem do que fala. Ele é autor das fotografias do *Guia amoroso do Rio*, com imagens belíssimas da Cidade Maravilhosa.

Mas nosso olhar não apenas aprimora o que a natureza criou. Ele também vê um mundo que não existe, um mundo impalpável. É o caso da imagem virtual. Hoje as crianças já nascem inseridas nessa realidade. Brincam com videogames e microcomputadores, vêem desenhos animados feitos por computação gráfica, conhecem máquinas fotográficas digitais. “Você não precisa mais ir a um lugar a trabalho: participa de uma teleconferência ou faz uma cirurgia por vídeo. É possível um médico de Nova York operar um paciente em qualquer lugar do mundo. Você não precisa tocar. O virtual, as imagens, são etapas de espiritualização do homem. Você não precisa se transportar, basta mandar sua imagem”, ressalta Parente.

Na opinião do psicanalista, a formação de um indivíduo não passa mais quase exclusivamente pelas mãos, e não é mais necessário tocar tudo para se compreenderem noções de volume, peso, textura. A inteligência é desenvolvida através dos olhos. Parente acredita que ter acesso à informática é fundamental para trabalhar o raciocínio. Com essa distinta maneira de entender o mundo, uma criança consegue ver TV e estudar ao mesmo tempo. “Muitos pais não entendem o que é esse multiprocessador. Por isso, a escola tem que se dedicar ao virtual como formação. Com isso, vai acrescentar muito ao conhecimento das crianças”, argumenta.

Olhar consciente – Educadores já observam alterações nas maneiras de pensar e raciocinar das crianças e dos adolescentes e vêem como desafio intervir para que essa revolução tecnológica seja absorvida de uma forma mais consciente. Para a professora do Departamento de Psicologia da PUC-Rio e da Faculdade de Educação da Uerj Solange Jobim e Souza, é preciso trabalhar a relação entre hábito e atenção. O hábito é o que se faz automaticamente, como andar de bicicleta, e a atenção, a reflexão sobre o que se está vendo ou fazendo. “Hoje tudo passa tão rápido que a maneira como as pessoas se constituem é atravessada, é o que se costuma chamar de choque. Mal a gente vê uma imagem, outra se sobrepõe. As pessoas estão em contato de alguma forma com TV, cinema, *outdoors*, publicidade, telefones celulares. Existe uma relação imediata com tudo isso. Daí a necessidade de estabelecermos algum tipo de intervenção na forma de lidar com esses aparelhos, para que as pessoas possam tomar consciência”, explica Solange.

Muitas pesquisas realizadas no ambiente escolar permitem aproximar os conteúdos do cotidiano dos estudantes e também auxiliá-los na compreensão das imagens a que são expostos. Solange realizou um trabalho de fotografia utilizando câmaras escuras feitas com sucatas, o oposto do que as crianças vivenciam com as máquinas digitais. Para a professora, foi uma forma de provocar uma atitude reflexiva e uma oportunidade de as crianças construírem histórias com as imagens, questionando ainda o modo como são produzidas.

A reflexão e a conscientização sobre as formas de produção de imagem são essenciais, até mesmo para que se derrubem alguns mitos a respeito da interferência dos meios de comunicação na vida das crianças. A própria Solange teve uma grata surpresa ao atuar com sua orientanda Raquel Salgado. No trabalho, foram realizadas oficinas em que a proposta era observar como as crianças assistiam à TV. O resultado foi a desconstrução de alguns clichês de que os pequenos ficam passivos diante da tela. “Nós observamos o contrário. A criança está interagindo o tempo todo, até corporalmente. Está produzindo conhecimento, reflexão. O que acontece é que a gente pára muito pouco para conversar com a criança sobre esse universo”, assinala a professora. Ela propõe que ▶



MELUSINA - ED. ATICA

os adultos façam a mediação da relação das crianças com a TV, conversem sobre o que é visto e sobre o que não deve ser visto, sempre mostrando os porquês.

Apelo de consumo – Mas o educador precisa ir ainda mais longe para fazer frente ao forte apelo de consumo que chega às crianças pela TV e, de forma menos massificada, pela internet. As imagens chamativas que incentivam a compra de mais e mais brinquedos, produtos comestíveis e eletrônicos devem ser compreendidas e traduzidas pela escola.

Professora do setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, Rose Meri Trojan lembra que as novas tecnologias possibilitam outras maneiras de produzir e consumir arte. Ela acredita, entretanto, que a concepção visual do mundo moderno tem a ver com as mudanças de valores e significados humanos contraditórios. “Ao mesmo tempo em que as tecnologias ampliam o espaço de democratização da arte, também ampliam as possibilidades da indústria cultural de valor mais comercial que humano”, alerta ela.

O efeito desta sedução do mundo do consumo pode ser sentido nas crianças que estão constantemente insatisfeitas e, em casos extremos, até depressivas. Na hora em que conquistam algo que viram na TV, já querem comprar mais. No entendimento de Solange, a cultura do consumo está se apoderando de todos os espaços sociais, provocando a sensação de que só se é feliz quando se tem coisas. E, mais uma vez, ela chega à conclusão de que o professor deve estar preparado para enfrentar essas questões e trabalhar com as famílias um caminho a seguir.

Além de assistir aos desenhos animados pela televisão e de ir ao cinema, as crianças podem e precisam descobrir com se produz imagem, trabalhando com foto, como mostrou Solange, e também com desenhos, papel e lápis. *Flipbooks* e taumatrópios³ (brinquedos óticos) permitem a crianças e adolescentes usarem na escola a imagem que se move de forma lúdica. Daí para animar usando o computador é um pulo. Entretanto, o grande salto consiste na descoberta de que, mais do que apenas consumidores, eles são produtores de imagens em movimento.

Diante desse quadro, uma boa alternativa é sair um pouco do mundo midiático para o da imaginação, propor narrativas que concorram com as mais comuns no dia-a-dia. A possibilidade de criar imagens mentais também pode ser uma forma de lidar com os próprios desejos. É aí que se entra no universo dos livros e dos sonhos. Aliás, o primeiro possibilita o segundo, mas não o esgota completamente.

O escritor italiano Ítalo Calvino⁴, ao descrever lugares imaginários em *As cidades invisíveis*, possibilita-nos fazer viagens fantásticas, em que podemos visualizar nitidamente os locais descritos em seu texto, como se percebe a seguir: “A três dias de distância, caminhando em direção ao Sul, encontra-se Anastácia, cidade banhada por canais concêntricos e sobrevoada por pipas”. Essa imagem pode facilmente ser construída por qualquer um. E, o que é melhor, cada leitor o faz à sua maneira. Basta pedir para que um grupo desenhe a descrição para se perceber que a mesma Anastácia de que fala Calvino pode tomar diferentes formas.

Desenho para adultos – Daí vem a explicação para a ausência de ilustrações em livros para adultos. O objetivo, geralmente, é deixar a imaginação fluir. Atuante no mundo das ilustrações infantis, Rui de Oliveira não concorda com essa escassez de imagens no universo adulto, já que hoje em dia pessoas com mais de 21 anos se interessam por desenhos animados. E mais: vão ao cinema sozinhos para vê-los, sem a desculpa de estarem acompanhando uma criança.

Entretanto, ele entende que a presença de imagens nas publicações para o público adulto pode transformar-se em problema. “Os mais velhos têm um processo crítico mais apurado que as crianças e, por isso, pode haver uma contradi-

ção entre o que é lido e o que é visto. E a incompatibilidade pode causar estranheza. Esse é o grande calcanhar-de-aquiles da ilustração”, admite.

Desenvolver a imaginação de uma criança deve ser uma tarefa estimulada, na opinião de Solange Jobim. É preciso levar ao cotidiano infantil narrativas com imagens que não são freqüentes, que possam trazer experiências para além do vídeo, da foto, do computador. Na avaliação da professora, o teatro e a contação de histórias são alternativas que podem satisfazer a essa diversificação da maneira de olhar e entender o mundo.

Entretanto, isso não impede que as novas tecnologias sejam exploradas. De acordo com a professora, experiências híbridas, em que teatro e desenho animado interagem, podem ser alternativas para agradar o público infanto-juvenil, que já nasceu na era da informática. Outra situação interessante é assistir a uma peça de teatro e depois conversar com os atores pela internet.

Para adquirir um olhar apurado esteticamente, Rose Meri Trojan diz que ter contato com a história da arte é fundamental. Para isso, as atividades de produção artística e apreciação devem ser orientadas por um professor qualificado. Conhecer obras de artistas renomados possibilita desenvolver um senso de estética mais apurado.

Reprodução – Uma das grandes polêmicas quando se fala em obra de arte é a reprodução pela indústria cultural. Walter Benjamin, em *A obra de arte na época da sua reprodutibilidade técnica*, diz que os avanços tecnológicos geraram novas formas de encarar a arte tanto do ponto de vista de seu autor quanto do espectador. Ele questiona o fato de que as reproduções excluiriam três características essenciais da arte: aura, valor do culto e autenticidade. Apesar

de admitir que não alteram o conteúdo da arte, Benjamin considera as reproduções como formas de desvalorizar uma obra.

Hoje, por exemplo, facilmente se encontram gravuras de quadros famosos de Salvador Dalí, Picasso ou Van Gogh em lojas de shoppings, ou uma camiseta com uma pintura de Monet em museus, ou imagens artísticas conhecidas em objetos comerciais e descartáveis, como copos de requeijão ou caixas para presentes.

Alguns vêem a questão por um ponto de vista conciliador. A reprodução pode de alguma forma levar o público a buscar o original. Rui de Oliveira ressalta que não há como negar que o múltiplo seja um *kitsch*⁵ do original. Mas lembra que em alguns casos ajudou a formar público e até mesmo outros artistas. “Albrecht Dürer não conhecia o Renascimento italiano até certa idade. Só gravuras dos grandes mestres do Renascimento. E ele se torna um artista do Renascimento alemão também por ter tido acesso às reproduções”, exemplifica.

A maioria dos grandes artistas não produziu de uma única tacada suas famosas obras. Eles trabalharam em etapas, com vários rascunhos ou cópias, que têm um valor muito grande para sua vida pessoal e artística. E há, também, pintores e escultores que, anos depois de terem algum trabalho consagrado, permitem-se revisitá-lo e recriá-lo. Isso sugere uma reflexão crítica e delicada sobre o critério de originalidade, o valor das cópias e a democratização da arte a partir das novas tecnologias.

Outro aspecto interessante, na opinião do ilustrador e animador, é como essas novas tecnologias podem fazer com que uma reprodução seja mais autêntica que o original. Ele explica que, com o passar do tempo, o brilho e a cor de ▶

SAIBA MAIS

A MULTIRIO exhibe a série de minidocumentários *Make it Criatividade*, mostrando a iniciativa, o talento e a habilidade de crianças e jovens de diversas partes do mundo. Para serem compreendidas em qualquer país, as histórias são contadas por imagens e trilha sonora, sem recorrer a diálogos ou narradores. Em NÓS DA ESCOLA n. 29, o *Giramundo* trata da linguagem fotográfica. Já na edição de número 37, o encarte trata da linguagem da animação.

³Taumatrópio é um disco com um desenho em cada lado. Quando o disco gira, os dois desenhos aparecem juntos.

⁴O italiano Ítalo Calvino é considerado um dos maiores escritores do século XX. Além de *As cidades invisíveis*, ele escreveu verdadeiras obras de reflexão, como *Seis propostas para o próximo milênio*.

⁵*Kitsch* é um termo de origem alemã usado para caracterizar objetos que fazem uso de estereótipos para encarnar valores da tradição cultural.



pinturas vão sendo modificados e é possível reconstruí-los com aquelas características originais. “Se você pegar as reproduções e os originais do Boticelli, vai ver que as reproduções são mais próximas daquilo que ele deve ter feito. O tempo eliminou muito o brilho das têmporas dos quadros do artista”, alega Rui.

Enfim, dependendo da maneira de se observar o mundo, é possível ter mais ou menos prazer. Quem está no trânsito do Rio e olha para cima pode ficar alguns minutos contemplando o Cristo Redentor ou se aborrecer com a confusão de buzinas e carros no meio da rua. É possível ver beleza em uma manhã de sol na Lagoa ou ficar

Animencontros: espaços interativos de ressignificação

Carlos Alberto Machado*

Os *animes*¹ já eram bem conhecidos desde a década de 1960 no Ocidente, quando vários desses desenhos em preto e branco cruzaram o mundo, vindos do Japão. Eles nasceram baseados no forte interesse dos orientais pelo mangá: histórias em quadrinhos japonesas, muito apreciadas no país do sol nascente. Naquele tempo, essas animações e até alguns filmes denominados *tokusatsu*², feitos por lá, tinham o poder de nos fascinar, mas não como o fazem atualmente.

Agora, existem verdadeiras tribos de crianças e adolescentes que se reúnem em muitos pontos do Brasil e do mundo, em animencontros³, provavelmente devido à globalização da comunicação, e nesses eventos os jovens destacam e revivem diferentes aspectos dos desenhos japoneses.

A internet ajudou a encurtar os caminhos e promoveu um encontro de culturas muitíssimo diferentes. O Japão mais uma vez se apropriou da onda tecnológica e investiu maciçamente na divulgação e distribuição de seus produtos, desta vez com maior eficiência, e assim atraiu um número significativo de crianças e jovens.

Essa sedução infantil e juvenil pelos desenhos japoneses preocupou e ainda preocupa a sociedade ocidental, que começa a compreendê-los somente agora e aos poucos, diferentemente do que acontece com o mundo jovem.

São os próprios *otaku*⁴, jovens com idades entre 12 e 28 anos, que admitem ter sido o desenho *Cavaleiros do Zodíaco* o principal responsável pelo grande interesse das gerações atuais. No Rio de Janeiro, os animencontros costumam reunir de uma só vez em torno de 800 jovens *otakus*. Eventos maiores em nível nacional podem juntar 4 mil participantes⁵.

Os animencontros costumam acontecer em lugares próximos às estações do metrô dos bairros da Zona Sul ou do Centro do Rio de Janeiro, o que pode ser entendido como um fenômeno que envolve mais crianças, jovens e até adultos de classe média. O estudo⁶ que venho desenvolvendo busca conhecer os conceitos educativos presentes nos animencontros, pois, como nos lembra Dayrell, “os alunos parecem vivenciar e valorizar uma dimensão educativa impor-

tante em espaços e tempos que geralmente a pedagogia desconsidera: os momentos do encontro, da afetividade, do diálogo” (1996, p.159).

Uma das atrações que fazem sucesso com os *otaku* são as palestras de profissionais de televisão, como os dubladores dos *animes*, que oferecem farta informação sobre a profissão e que, com isso, acabam incentivando os jovens a tentar seguir essa carreira.

As perguntas dos fãs expressam algumas de suas expectativas de futuro profissional “Como você começou sua carreira de dublador?”, ou “O que preciso fazer para ser um dublador?”. O sonho de atuar como dublador de um possível personagem japonês se destaca como uma questão recorrente.

Os *otaku* costumam expressar suas opiniões utilizando-se de pequenas placas brancas, um tipo de cartazete de mão, feito em quadro branco, de material idêntico aos dos quadros brancos das salas de aula, mas menores, com palavras escritas com caneta porosa escura (azul, preto, verde, ou vermelha).

Essas plaquetas, que ficam espalhadas entre o público, são utilizadas por alguns e servem também para expressar sentimentos: “Quero um abraço”, “Preciso de oi, sou carente de oi”, “Se você me der oi, te dou um abraço”; paqueras; notas para as atrações; enquetes particulares sobre *animes*; ou mesmo desenhos feitos à mão – normalmente caracterizados pelo estilo japonês, com expressões evidentes (riso, gargalhada, choro, muito choro, triste etc.).

As plaquetas costumam ser criativas e fazem bastante sucesso entre a platéia, que se interessa por lê-las. Para facilitar a leitura, o autor levanta a placa e a gira para todos os lados por alguns momentos, permitindo maior acesso. Essas plaquetas, como diz Geertz (1989), podem evidenciar o tráfego de símbolos, palavras, gestos significantes e significados que fazem parte de uma teia maior de significados compartilhados socialmente.

Pode-se dizer que, de certo modo, os animencontros se-

absorvido com seus problemas. Tudo depende do momento e da disposição que se tem para enxergar aquilo que está à volta.

A cultura artística também dá essa mãozinha para quem não se contenta apenas em olhar, mas precisa ficar embevecido e brincar, permitir-se encantar de forma lúdica com o que está

⁶Bruno Munari é *designer* e autor do livro *A arte como ofício*. Nessa obra, desenho e palavra se completam num mesmo discurso. Ele cria formas do nosso cotidiano e pretende estabelecer a conexão entre a arte e seu público.

diante dos olhos. “Quanto maior o conhecimento, maior a possibilidade de prazer e ludicidade. Como diz Bruno Munari⁶, ‘cada um vê aquilo que sabe’”, afirma Rose Meri Trojan. ■

jam por natureza polissêmicos, na medida em que contemplam uma multiplicidade de vozes e de sentidos.

Eles também funcionam como um espaço de encontros e de reencontros, de convivência, que gera novas amizades, onde surgem paqueras. Além de ajudar a ampliar os conhecimentos de todos sobre o assunto, também divertem e entretêm. Isso confirma o fato de a aprendizagem de valores humanos ser evidenciada na convivência por meio da interação social.

Os animencontros incentivam e favorecem a recriação de novas práticas culturais e também ressignificam algumas mais antigas, enquanto eles – crianças, jovens e adultos – apresentam as atuações uns dos outros, quando se caracterizam como personagens dos desenhos, quando cantam as músicas típicas, ao participarem de conferências de dubladores e também quando promovem debates sobre seus próprios comportamentos.

Como todos os adolescentes, os *otaku* procuram ser diferentes, mas não se colocam de fora e nem se sentem excluídos da sociedade em que vivem.

Diante deste panorama, é possível imaginar que em breve esses jovens possam relacionar suas escolhas profissionais com seus ídolos e desejos, seja criando seus próprios personagens, seja dublando-os, escrevendo e/ou recriando roteiros para os *animes*. Isso se evidencia, por exemplo, pela procura e frequência dos *otaku* em cursos de Língua Japonesa e, também, quando escrevem roteiros para pequenas atuações *cosplay*⁷; também atuam no palco.

Muitos deles fazem cursos sobre o desenho japonês, sabem cantar em japonês e o fazem nos eventos, nos quais ainda aproveitam para ironizar algumas situações sociais. Essa população jovem que se permite conhecer nos animencontros se mostra disposta a partilhar o mercado de trabalho como produtores, promotores de eventos, profissionais especializados em quadrinhos, atores, dubladores, cantores, tradutores ou até mesmo como roteiristas, escritores, jornalistas e, quem sabe, como humoristas – aspectos esses nem sempre valorizados pela educação formal.

É fundamental para a vida saber lidar com as subjetividades nas quais os jovens podem trocar informações sobre si, trocar idéias e sentimentos que possibilitam a aprendizagem da vivência social, da vida em grupos constituídos por pessoas diferentes, a viver certos conflitos, sendo ainda possível pensar em soluções compartilhadas para eles, além de favorecer, “de uma forma mais restrita ou mais ampla, o acesso aos códigos culturais dominantes, necessários para se disputar um espaço no mercado de trabalho”. (DAYRELL, 1996, p.151).

¹Conhecido no Ocidente como desenho animado japonês. No Japão o termo *anime* é utilizado para descrever qualquer tipo de desenho animado.

²Séries japonesas filmadas em capítulos. Ex.: *Ultraseven*, *Ultraman*, *Jiraya*, *Changeman*, *Robô Gigante* etc.

³Eventos locais ou nacionais que reúnem fãs *otakus* de mangás (quadrinhos japoneses) e *animes* nipônicos.

⁴O termo, no Brasil, refere-se aos fãs de *animes*, mas no Japão tem uma conotação pejorativa.

⁵Em São Paulo, o evento Anime Friends costuma reunir cerca de 50 mil *otakus* de vários estados brasileiros.

⁶Trabalho desenvolvido no doutorado em curso na PUC-Rio.

⁷Alguns *otakus* vestem-se de acordo com um personagem de *anime* e costumam representá-lo no palco diante de seus colegas em desfiles ou concursos para esse fim.

Atualmente, uma dupla de brasileiros é campeã mundial de *cosplay*. Os irmãos Mônica e Maurício Somenzari Leite Olivas venceram o World Cosplay Summit 2006, realizado no Japão, transformando-se nos personagens Rosiel e Alexiel, do *anime Angel Sanctuary*.

Saiba mais

Mangá: o poder dos quadrinhos japoneses, de Sonia Bibe Luyten. 2. ed. São Paulo, Hedra, 2000.

*Pedagogo e doutorando em Educação pela PUC-Rio.

Referências bibliográficas

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sociocultural. In: Dayrell, Juarez (org.) *Múltiplos olhares: sobre educação e cultura*. Belo Horizonte, UFMG, 1996.

GERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1989.

Torcer, sim, mas sem brigas

A escola pode contribuir decisivamente para mitigar a violência entre jovens nas torcidas organizadas

As cenas são conhecidas. Torcedores brigando nas arquibancadas dos estádios, provocando atos de vandalismo nas ruas ou em conflito com a polícia. Quando se fala em torcida organizada, a primeira palavra que vem à cabeça é violência. Mas esse não é um caso de polícia, apenas, e sim de prevenção e educação, especialmente dos jovens.

As torcidas organizadas surgiram no início do século passado. Nos anos 1940, popularizaram-se as charangas, com um caráter mais lúdico e recreativo. Já as torcidas como as conhecemos hoje foram criadas, em sua maioria, no final dos anos 1960, durante o regime militar, com um nível de organização maior e funcionando como canal de reivindicação dos torcedores perante os clubes.

A violência no futebol também não é nova. Na Copa do Mundo de 1950, por exemplo, que foi disputada em solo brasileiro, já havia um grande receio de que os torcedores atirassem objetos no campo durante as partidas ou causassem arruaça, o que seria um vexame para o país. A partir dos anos 1980, entretanto, a violência se impôs sistematicamente nos estádios e passou a ser assunto contumaz na imprensa.

Segundo o antropólogo Rodrigo de Araújo Monteiro, o comportamento violento entre as torcidas organizadas está ligado a fatores como a afirmação da masculinidade. “O indivíduo tenta se mostrar mais viril do que os demais, ser bem-sucedido na briga. Vencer o adversário confere respeito a ele e à torcida. Sua masculinidade está ligada à destruição física do inimigo”, afirma Monteiro, do Núcleo de Pesquisas sobre a Violência do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Nupevi-IMS-Uerj) e autor do livro *Torcer, lutar, ao inimigo massacrar: raça rubro-negra!*

Rodrigo – um tricolor que conviveu oito meses com a torcida Raça Rubro-Negra, do Flamengo, para compor com “distanciamento crítico” sua tese – enumera outras questões que influenciam atos violentos, como a falta de perspectiva de emprego ou o desencanto com a

justiça, a política e a economia, enfim, com os rumos da sociedade – fatores que acabam se refletindo no futebol.

Ciclos de violência – Para a antropóloga e autora do livro *Os perigos da paixão – visitando jovens torcidas cariocas*, Rosana da Câmara Teixeira, a violência no futebol não está separada da que acontece no resto da sociedade: o futebol é apenas um dos âmbitos em que ela se manifesta. Ela ressalta que a briga entre torcidas não é um processo contínuo. Na verdade, acontecem ciclos de violência: há momentos de pico e de acomodação. O fenômeno está ligado também a outras tensões, como a formação da identidade dos jovens e questões internas das torcidas, como desavenças entre líderes.

Rosana identifica uma forte dimensão simbólica em vigor, que se manifesta pela provocação, de um chamamento ao conflito, em que a identidade se constrói na oposição ao outro, no caso, aos adversários. “Essa oposição, porém, não é gratuita. Ela obedece a certos círculos de amizades e inimizades e a um histórico dos clubes. Por exemplo, o Flamengo é sempre rival dos demais clubes do Rio, mas as torcidas de Vasco e Botafogo se aliam em determinadas situações”, analisa.

Mas o conflito não acontece somente entre torcidas de times rivais; ocorre até no âmbito de agremiações da mesma equipe. De acordo com Rosana, isso se dá porque também existem tensões dentro de um clube. Ser a torcida mais destemida, exercer a supremacia entre as demais torcidas de um determinado time impõe respeito. Que, por sua vez, pode significar maior número de membros, mais regalias dentro do clube, entre outras vantagens. Por meio dos conflitos, esses grupos constroem sua imagem pública.

Paixão desenfreada – Segundo Rosana, quando se passa do âmbito simbólico ao físico se manifesta um lado subterrâneo da paixão pelo futebol. “Há pessoas que vivem a torcida pelo clube de forma incondicional. É uma paixão que

TEXTO

FABIO ARANHA

ILUSTRAÇÕES

ESCULTURAS DE

GUSTAVO CADAR

E FOTOS DE

ALBERTO JACOB FILHO



se sobrepõe às demais. A torcida se transforma em algo muito intenso, como uma religião, um vício. Isto se torna um fator desestabilizador na vida da pessoa. Ela passa a viver somente para isto. Pode se afastar das amizades que cultivou fora daquele grupo, da família e até do emprego. O indivíduo se torna anti-social, isolado de outros contextos, mesmo que temporariamente”, explica a antropóloga.

Acabar com as torcidas organizadas não resolve o problema da violência, de acordo com especialistas. Primeiro, por uma questão prática. Mesmo na ilegalidade, os indivíduos continuarão freqüentando os jogos em grupos articulados. E o controle acaba nas imediações dos estádios, onde é mais fácil haver confronto. Eles também podem facilmente criar outra organização de nome diferente, mas que seja formada pelas mesmas pessoas. Além disso, é mais fácil responsabilizar os infratores quando existe uma organização atuando com membros uniformizados e identificáveis, em vez de cidadãos anônimos.

“Essas organizações têm uma trajetória longa e ligações fortíssimas com os clubes. São entidades bem estruturadas, que receberam grande investimento ao longo do tempo. Não dá para

acabar com elas por decreto. Claro que há quem se envolve em brigas, mas existem pessoas que têm outros projetos dentro das torcidas. Não se pode generalizar. As torcidas organizadas são uma forma de sociabilização e de adesão ao clube muito importante para esses jovens. Eles formam laços de amizade muito fortes”, afirma Rosana.

Trabalho educativo – Rodrigo Monteiro resalta que os clubes também têm sua parcela de culpa no problema da violência. “Eles usam as torcidas para fins políticos, dando ingressos e outras regalias em troca de apoio e viram as costas para as brigas”, observa.

Punir os baderneiros é essencial para pôr fim à violência, pois a impunidade encoraja o comportamento violento. São necessárias leis específicas para tratar da questão das torcidas e um monitoramento constante por parte das autoridades competentes. Mas ambos os pesquisadores salientam que apenas punir não é suficiente. É preciso também um trabalho educativo e corretivo de longo prazo. Não adianta apostar em medidas pontuais. A ação precisa ser contínua.

Rosana cita como exemplo a atuação do Grupamento Especial de Policiamento em Estádios (Gepe), da Polícia Militar (PM), entre 1990 ►



e 1994, considerado pelas próprias torcidas como um período dos mais violentos. O Gepe empreendeu um trabalho pedagógico sistemático para aplacar a violência entre as torcidas organizadas.

“Não foi um trabalho apenas punitivo. Eles chamaram os líderes das torcidas à responsabilidade, para participar do processo. Fizeram palestras, utilizaram vídeos. Foram extintas as salas que as torcidas usavam no Maracanã para guardar material, o que incluía freqüentemente objetos para serem usados em brigas. Houve um conjunto de medidas tomadas naquela época que surtiu efeito. A violência não acabou, mas foi bastante minimizada”, comenta a antropóloga.

Papel da escola – A escola também tem importante papel a desempenhar para mitigar a violência no futebol. Os jovens entre 13 e 18 anos são o público-alvo das torcidas organizadas e, de acordo com os pesquisadores, é preciso tratar do assunto desde cedo para contribuir na formação da identidade do adolescente. Muito pode ser trabalhado pelos professores em sala de aula: o que significa pertencer a um grupo; qual o lugar da paixão, das emoções e como expressá-las; a importância no esporte do trabalho em equipe, da solidariedade, do respeito às regras, de saber competir e vencer pelo mérito. Apesar de as torcidas organizadas estarem mais relacionadas ao universo masculino, há muitas

meninas que fazem parte desses grupos. Por isso, vale a pena enfatizar a questão do gênero no futebol.

É importante ainda trabalhar a concepção que os meninos têm da masculinidade, aspecto que aparece no caso das torcidas organizadas, mas também em outras atividades, como o funk e o jiu-jitsu. “Há uma concepção, que se aprende na infância, de que para ser homem e ter honra é preciso brigar. A escola precisa apresentar uma visão alternativa, mostrando que um homem se destaca por virtudes que não estão ligadas à violência física”, repisa Rodrigo Monteiro.

O professor de História Jorge Medeiros, que leciona na E. M. Emílio Carlos, no Catete, sugere serem feitas campanhas educativas, com a participação da Secretaria Municipal de Educação (SME), entre os torcedores brigões, que incluam a reeducação dos indivíduos presos em atos de vandalismo. Na escola, ele sugere que professores e alunos produzam vídeos, textos e cartazes sobre o tema, pesquisem sobre a violência e o racismo no futebol e que medidas adotem para combatê-los. “É importante fazer com que os alunos reflitam. A Copa do Mundo da Alemanha foi um grande exemplo de que, com uma ação eficiente e planejada de toda a sociedade, é possível dar respostas adequadas ao problema da violência e do racismo no futebol”, afirma. ■

SAIBA MAIS

Livros

- MONTEIRO, Rodrigo. Torcer, lutar, ao inimigo massacrar – raça rubro-negra! Rio de Janeiro, FGV, 2003.
- TEIXEIRA, Rosana da Câmara. Os perigos da paixão – visitando jovens torcidas cariocas. São Paulo, Annablume, 2004.

Vídeos

- “A história do futebol na cidade do Rio de Janeiro”. Programa Rio, A Cidade n. 177 (MULTIRIO 2002).
- “Paixão e violência das torcidas organizadas”. Programa Rio, A Cidade n. 178 (MULTIRIO, 2002).
- Pequenos clubes cariocas e suas grandes torcidas. Programa Rio, A Cidade n. 646 (MULTIRIO, 2004).

Uma revolução incompleta

TV digital chega ao país em meio a muita polêmica quanto à democratização da mídia televisiva

Em breve, a televisão brasileira passará pela maior mudança tecnológica de sua história. Com a TV digital, o telespectador poderá escolher o horário em que deseja assistir a um determinado programa, navegar na internet ou comprar um produto. Em 2007, o serviço deve estar disponível – inicialmente para quem puder adquirir as TVs digitais, que custam alguns milhares de reais. Mas a intenção é a de que em dez anos todos os brasileiros usufruam dessa miríade de possibilidades jamais imaginada pelas gerações passadas.

No dia 29 de junho, o governo publicou decreto definindo as regras para a implantação do Sistema Brasileiro de Televisão Digital Terrestre (SBTVD-T). De acordo com o documento, até julho de 2013 a TV digital deverá ter chegado a todo o país. Mas durante dez anos haverá transmissão simultânea de sinais analógicos e digitais. Fim do período, o sistema atual será desligado. As primeiras transmissões de TV digital deverão começar dentro de seis a oito meses, apesar de legalmente as emissoras terem até 18 meses para iniciá-las. Testes da TV digital já estão sendo feitos em São Paulo.

Para compor o SBTVD-T, o governo escolheu o padrão tecnológico japonês, o ISDB (Integrated Services Digital Broadcasting), em detrimento dos padrões norte-americano e europeu. Entretanto, dois componentes fundamentais nesse sistema devem ser brasileiros: a tecnologia de compressão de dados, conhecida como H.264, e o middleware, software de suporte às aplicações da TV digital. Chamado Ginga, o aplicativo foi desenvolvido pelo Laboratório Telemídia, do Departamento de Informática da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), e pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Tecnologia brasileira – Para o professor Luiz Fernando Gomes Soares, coordenador do Laboratório Telemídia, a escolha de middleware brasileiro para integrar o SBTVD-T é algo estratégico. Ele explica que o software “virtualiza” aparelhos de televisão de diferentes fabricantes, definindo, para os que produzem conteúdo, uma



visão única de aparelho. “Isso confere grande importância à definição do middleware brasileiro, pois na prática é ele quem regula as relações entre duas indústrias de fundamental importância para o país: a de produção de conteúdo e a de fabricação de aparelhos receptores. Não ter o domínio tecnológico da ferramenta usada para desenvolver o conteúdo significaria não dominar o próprio conteúdo”, ressalta Soares.

A TV digital promete programação com qualidade de imagem muito superior à transmissão analógica. Atualmente, o sinal é transmitido por um espectro eletromagnético, no caso dos canais abertos, ou por cabo, na TV por assinatura. O problema é que a cada barreira física enfrentada para chegar ao aparelho de TV – morros, prédios, aparelho de videocassete, cabos e conexões – o sinal perde qualidade. Com a tecnologia ►

TEXTO

FABIO ARANHA

ILUSTRAÇÕES

ALESSANDRA OLIVEIRA

digital, isso não acontece. A informação é codificada por um sistema binário, que é mantido na hora da reprodução. Ela permanece a mesma, por mais que se façam cópias. Isso permite uma qualidade muito superior à do padrão analógico.

Múltiplas possibilidades – Três tipos de tecnologia estarão disponíveis para a transmissão digital: a HDTV (*high definition television* – televisão de altíssima definição), a *standard* ou padrão (de qualidade menor, mas muito superior à atual) e a de celular (a de menor qualidade das três, própria para ser captada pelos aparelhos móveis). No início, a maior parte da população não terá acesso à nova tecnologia, devido ao preço de uma TV digital, que custa em média R\$ 10 mil. Mas o governo promete subsidiar a troca dos aparelhos para que, em dez anos, a transição esteja completa. Até lá, quem não possuir aparelhos de TV compatíveis com o padrão digital terá que adquirir um *set top box*, conversor que permitirá aos televisores convencionais analógicos receber e reproduzir o sinal digital.

As novidades, porém, não se restringem ao apuro da imagem. O som também será bastante superior. Mas o cerne da questão é que se criam múltiplas possibilidades, especialmente de interatividade. Os aparelhos digitais de TV terão um computador embutido (também presente no *set top box*) que permitirá ao telespectador gravar seu programa preferido. Ou então fazer uso do chamado governo eletrônico, podendo se cadastrar no Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) ou acessar outro órgão do governo. Na educação, será possível a realização de cursos à distância, em que o telespectador poderá fazer o *download* (baixar um arquivo) do material didático ou então se submeter a provas e entregá-las em tempo real por *upload* (expedir um arquivo).

O comércio eletrônico também chegará à televisão. Imagine a seguinte cena: durante a novela, uma atriz come um pedaço de pizza. O telespectador poderá clicar na tela e pedir sua própria pizza no serviço de entrega mais próximo. Ou então adquirir um produto oferecido em um programa de auditório ou de vendas. A programação também poderá ser personalizada. Os pais poderão programar o aparelho de TV para bloquear programas impróprios ou anúncios de

bebidas alcoólicas ou de cigarros. “Em dez anos, a TV vai ser completamente diferente do que nós imaginamos hoje”, comenta Soares.

Legislação polêmica – Mas até chegarmos a esse estágio, alguns pontos terão de ser debatidos. O governo tem sido alvo de acusações de negligência quanto à regulamentação da atividade. Entidades da sociedade organizada criticam o Executivo por ter definido as novas regras sem revisar as leis que regem as comunicações no país – datam de 1962 e são consideradas inadequadas à era digital –, para estabelecer direitos e deveres de todas as partes envolvidas com a digitalização.

Além disso, as leis atuais são consideradas conservadoras e complacentes com as operadoras privadas de rádio e televisão. A ONG Intervezes – Coletivo Brasil de Comunicação Social aponta, por exemplo, que o Brasil não conta com regras de regionalização da produção artística e jornalística ou com índices obrigatórios para a produção independente, ao contrário de outros países. Ressalta também que o capítulo da Constituição Federal sobre a comunicação permanece sem regulamentação, o que impede a aplicação de regras contra o monopólio e o oligopólio privados e a criação de um sistema público não-estatal de comunicação.

A ONG enviou documento¹ ao Ministério Público apontando falhas e questionando a legalidade do decreto que implementa a TV digital no país. A Intervezes afirma que o documento não define quais serão as inovações tecnológicas brasileiras incorporadas ao SBTVD-T, nem quando serão adotadas. O texto permite ainda que o Executivo se sobreponha ao Legislativo na tarefa de outorgar novas concessões de TV, na medida em que viabiliza a consignação de uma faixa extra do espectro para o mesmo serviço prestado atualmente pelas emissoras. Para os diretores da Intervezes, em vez de recorrer a esse mecanismo, o governo deveria delegar ao Congresso Nacional a outorga de novas concessões, já que não se trata do mesmo serviço prestado até hoje pela radiodifusão analógica.

“A falta de uma regulamentação atualizada privilegia os poucos grupos que monopolizam as concessões de radiodifusão. Além disso, a

¹Disponível em http://www.intervezes.org.br/arquivos/MPF_TVD.pdf



concessão é outorgada por 15 anos. Nesse tempo, você tem uma geração já na adolescência, sem qualquer chance de ter visto alguma renovação na programação. Isso é um absurdo”, critica a presidente da MULTIRIO, Regina de Assis.

Sociedade excluída – A ONG Intervozes também denuncia que o fórum criado para assessorar o Comitê de Desenvolvimento – órgão que fixará as diretrizes para a elaboração das especificações técnicas a serem adotadas – exclui representantes da sociedade civil. Com o que concorda Regina: “A sociedade se manifesta, mas sua voz é tênue nesse momento. Interesses que não são os da população dificultam o atendimento do que a sociedade pede”, acrescenta.

O jornalista Nelson Hoineff, presidente do Instituto de Estudos de Televisão (IETV), afirma que o Comitê Consultivo, criado para assessorar na implementação da TV digital, praticamente não foi ouvido. “Perdemos uma oportunidade de ouvir setores da sociedade. A programação da TV brasileira é de péssima qualidade e nada é feito para melhorá-la. Parece que discutir qualidade é um tabu”, comenta. Para ele, construir um modelo de conteúdo nacional deveria ser prioridade. “Nossa TV é baseada em conteúdo importado. É preciso reverter esse quadro”, afirma Hoineff.

Comunicação monocórdia – Outra crítica diz respeito à concessão de canais. A compressão de informação própria do sistema digital libera uma grande quantidade de espaço na faixa de

freqüência de 6 Mhz, reservada às concessões de radiodifusão. Isso abre a possibilidade da criação de vários novos canais dentro da mesma faixa, contribuindo, em tese, para a democratização.

Mas o decreto que regulamenta a atividade de cede mais uma faixa de 6 Mhz a cada emissora de TV aberta durante os dez anos de transição, sob a justificativa de que elas precisariam de mais um canal para transmitir programação analógica e digital ao mesmo tempo. Assim, reduz-se drasticamente a abertura para novas concessões. O governo rebate, afirmando que mesmo em localidades onde o espectro de freqüência para transmissão analógica está congestionado, como Rio e São Paulo, poderá haver disponibilidade de até dez canais digitais na faixa alta de UHF e que o decreto prevê a alocação de quatro canais para a rede pública.

Para o professor de Audiovisual da PUC-Rio Felipe Muanis, o decreto praticamente elimina a chance de surgimento de novos canais, a não ser para as emissoras que já estão no mercado. “O decreto estabelece condições técnicas mínimas para a utilização do canal consignado. Quem vai conseguir se adequar a essas regras? Certamente não serão os pequenos, sem capacidade de investimentos. Esse espaço poderia ser um fator de democratização dos meios de comunicação, de inclusão social, uma ferramenta a favor da pluralidade de discursos. Representaria uma alternativa extremamente interessante à comunicação monocórdia feita pelas grandes emissoras”, observa. ■

Aula com recheio brasileiro

Bastou uma grande mala fechada para despertar a curiosidade dos alunos da turma de Educação Infantil do Ciep Tancredo Neves, no Catete. O que haveria dentro dela? Foi com esta pergunta que a professora Marcela Gaio iniciou o trabalho com lendas e personagens do folclore brasileiro, integrado ao projeto político-pedagógico da escola para 2005, sob o tema Arte e Raízes. Apesar dos inúmeros palpites, ninguém descobriu o segredo da mala: vídeos e fitas cassete reproduzindo manifestações folclóricas e músicas populares de várias regiões do país¹.



Curiosos, os alunos da professora Marcela Gaio descobrem cores, formas e histórias do bumba-meu-boi

As músicas e os vídeos abriram espaço para uma série de histórias que os alunos não conheciam, logo conferidas também em livros e revistas. Entre temas como festas juninas e o Cirio de Nazaré, o mais comentado foi a festa do bumba-meu-boi. O interesse das crianças foi tanto que logo o projeto foi batizado de Bumba-meu-boi na Cultura, na Arte e na Educação. “A cada final de aula eu apresentava uma história nova, mas eles sempre me pediam para falar mais sobre o bumba-meu-boi, até porque tinham adorado as músicas das festas em vários lugares do país”, explica Marcela.

Aos poucos, as descobertas foram ganhando mais cor e movimento com a integração de conteúdos de várias áreas de conhecimento, como

linguagem, matemática, orientação espacial e geografia. Marcela aproveitou o interesse dos alunos e aproximou cada vez mais o tema de suas próprias realidades. Um mapa do Brasil ornamentado com carinhas de boi em cada estado onde são realizadas as festas serviu também para localizar as regiões de origem de cada aluno da turma. Depois, esboços de gráfico mostraram a quantidade de alunos vinda de cada região do país. Os estudantes ainda produziram textos coletivos sobre as manifestações populares e os seus principais personagens e descobriram as sonoridades de instrumentos musicais que não conheciam.

Prazer de aprender – O resultado não poderia ser melhor. Durante seis semanas, as crianças queriam saber cada vez mais, divertindo-se com atividades como dramatização do auto do boi, com direito a figurino, máscaras e até a montagem de um boi de sucata. Enquanto isso, aprendiam a conhecer e valorizar a identidade cultural brasileira e a respeitar a diversidade cultural, sentindo-se parte dela. “Gostei muito de fazer o teatro do boi. Eu era o pajé, batia o tambor, dançava e fazia o boi viver de novo”, conta José Pedro da Conceição, de 4 anos.

O teatro foi a atividade que mais despertou o interesse das crianças. Depois de muito ver e ouvir sobre a festa do boi, eles tiveram a oportunidade de expressar sua própria opinião a respeito do que aprenderam. “Eu fiz o pai Francisco, foi muito bom. Já até pedi para minha avó me levar aonde tem a festa do boi”, diz Mateus Ferreira dos Santos, também de 4 anos. Satisfeita com o resultado do trabalho, Marcela fez questão de apresentar para os pais a produção dos alunos, transmitindo-lhes também a importância de conhecer nossa própria cultura. “Às vezes é difícil explicar que a escola não é só lugar do trabalhinho, da letra, do número. A escola é o lugar da nossa história, da nossa realidade”, destaca Marcela. ■

¹Marcela conseguiu o material no Museu do Folclore, por meio do projeto De Mala e Cuiá. Os professores interessados podem ter acesso a livros, discos, fitas de vídeo, catálogos, recortes de jornais e revistas, xilogravuras e fotografias sobre a cultura popular brasileira. Mais informações no site www.museudofolclore.com.br ou pelo telefone (21) 2285-0441.

EDUCAÇÃO URBANA

Ensinamentos da cidade

Você sabe o que é platibanda? E beiral¹? Os alunos da turma 402 da Escola Municipal Luiz Delfino, na Gávea, descobriram estas e outras curiosidades no projeto Educação Urbana, parceria entre as Secretarias Municipais de Educação e de Urbanismo que já congregou 260 alunos de sete escolas da cidade. Com a orientação do urbanista Pedro Lessa, os alunos desenvolveram novos olhares sobre o patrimônio urbano, os arredores da escola e o prédio onde convivem diariamente, discutindo temas como regras de convivência e direitos e deveres dos cidadãos. “Foi um trabalho muito interessante. Um dos princípios da Multieducação é que a escola transponha seus muros. Mas o caminho inverso também é positivo: a escola abrir suas portas para que outros parceiros enriqueçam seu dia-a-dia”, avalia a diretora Denise Barcellos.

Entre abril e junho, a escola recebeu visitas semanais de Lessa. As surpresas começaram no primeiro encontro, quando ele apareceu caracterizado como Professor Urbanus, com grandes óculos ornamentados com uma casa, um edifício e uma árvore. “Ele é engraçado e nos ensinou várias coisas”, comenta Adriana de Abreu, de 12 anos. Os alunos não imaginavam que dentro da escola e da sala de aula haveria tantas novidades. Lessa mostrou detalhes como o chão, as paredes, portas e janelas. Em troca, recebeu informações sobre o prédio, que funciona como escola desde 1861, foi tombado pelo patrimônio histórico em 1990 e é considerado uma das sete “escolas do imperador” do município, título dado às escolas inauguradas na época do império. “A troca de saberes é muito importante. Os alunos já sabiam a história do prédio, mas prestaram atenção aos detalhes”, ressalta Sílvia Viola, coordenadora pedagógica da escola.

Os próximos passos incluíram a vizinhança da escola e até um passeio de ônibus pelo Rio de Janeiro, com paradas na orla, no Forte de São João, na Urca, e na Ladeira da Misericórdia, no Centro. A cada saída, os alunos preenchem uma

¹Na definição do *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*, platibanda é uma “espécie de mureta construída na parte mais alta das paredes externas de uma construção, para proteger e ornamentar a fachada”, e beiral, “parte da extremidade mais baixa de uma água de telhado que se projeta para fora da prumada externa para protegê-la”.



Denise, Sílvia, Yara e Maria Cláudia com alunos da turma e, ao fundo, painel criado por eles

caderneta de campo, anotando tudo o que lhes chamasse a atenção. Depois, produziam trabalhos escritos. “A produção escrita deu um salto enorme de qualidade. É muito diferente escrever sobre coisas que você viu e experiências que viveu”, ressalta Yara de Lima Félix, professora da turma há três anos, desde a progressão.

Aprendizado cidadão – Mas não foi só na sala de aula que os resultados apareceram. Os grandes objetivos do projeto são o exercício da cidadania e a valorização do espaço público. Aprendendo a olhar de outro modo o que os cerca, os alunos valorizam a cidade, o bairro e a escola, fortalecendo os vínculos com eles. A consciência sobre o que é certo ou errado também foi enfatizada. “É trabalho das escolas mostrar às crianças seus direitos e deveres, as atitudes certas ou erradas”, argumenta Maria Cláudia Marques, orientadora educacional da Luiz Delfino.

“Vimos coisas erradas, como o esgoto que é jogado no mar e na Lagoa Rodrigo de Freitas”, enumera Francisco Ítalo Gomes, de 13 anos. “Eu aprendi como se faz um prédio. Sei tudo o que tem de ser usado”, garante Isabele Rosário, de 9 anos. As impressões são diversas, mas a empolgação com o projeto é evidente. Detalhista, Carlos Adriano de Abreu, de 11 anos, assegurou que já tinha observado o chão da sala de aula. Mas admite que encontrou novidades dentro da escola. “Nunca tinha parado para pensar sobre as portas da escola, sobre o bebedouro... Descobri muitas coisas novas”, afirma, animado. ■

TEXTO

RENATA PETROCELLI

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

Um passado de muita história

Escola pode significar apenas um prédio comum, com salas de aula e pátio repleto de crianças com as quais iremos conviver por alguns anos. Mas pode se tornar também um lugar com histórias interessantes prontas para serem descobertas. Às vésperas de completar seu 93º aniversário, a Escola Municipal Rosa da Fonseca, na Vila Militar, Zona Oeste da cidade, teve seu passado revisitado pelas professoras Renata Brandão, de História, e Patrícia Nogueira, de Educação Física. Ambas se empenharam em pesquisar a história da unidade, e o resultado surpreendeu pais, alunos e professores na exposição que elas montaram semanas depois.

O que mais chamou a atenção foi a fotografia da visita de Getúlio Vargas à escola, em 1939. Na ocasião, o então presidente da República inaugurou ali um dos parques infantis mais modernos da época, o Alina de Brito. Com carrossel, gangorras e gaiolas de ginástica, era um espaço para brincadeiras nos moldes dos parques norte-americanos.

No mesmo dia, a escola recebeu duas outras figuras ilustres. O maestro Heitor Villa-Lobos, que regeu uma orquestra para a inauguração do parque, e D. Helder Câmara, que celebrou a primeira comunhão dos alunos da 4ª série. O momento histórico foi registrado também em notícias de jornais e revistas incluídas na exposição.

“O objetivo foi resgatar a auto-estima de educadores e alunos. Um deles ficou orgulhoso ao saber que um presidente da República já havia visitado sua escola. Todos se sentiram valorizados e passaram a ter mais preocupação em preservar o espaço físico e o material da escola”, conta a professora Renata.

Mergulho no passado – A exposição mostrou mimeógrafo, projetor de slides, máquina de escrever e vitrola, além de utensílios de cozinha e instrumentos utilizados no gabinete dentário da escola. Coleções completas das obras infantis de Monteiro Lobato e dos *Tesouros da Juventude* foram trazidas para a mostra, juntamente com retratos a óleo do Marechal Deodoro da Fonseca e de sua mãe, Rosa, que deu nome à escola. Em uma das mesas, os visitantes puderam conferir o livro comemorativo do aniversário da unidade, em 1939, e até a ata de inauguração do prédio atual, em 1955, que contou com a presença do presidente Café Filho. Para mostrar que os alunos também fazem história, as professoras exibiram a fotografia vencedora do concurso A Beleza da Rosa da Fonseca, do qual participaram alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental, além de fotos de ex-alunos no parque e em cerimônias cívicas ocorridas na unidade.

Para manter a exposição por mais tempo, a professora Patrícia treinou alunos do Núcleo de Adolescentes, o Ninho, do qual é coordenadora, para servirem de monitores da



Em 1939, o presidente Getúlio Vargas compareceu à inauguração do parque da escola



O presidente Café Filho inaugurou o prédio da escola



Os alunos da escola Rosa da Fonseca observam, curiosos, fotos e documentos históricos

Mãe do primeiro presidente

Rosa Maria Paulina da Fonseca nasceu em 1803, em Alagoas, e casou-se muito jovem com o então major Manoel Mendes da Fonseca, defensor da monarquia. Com ele, teve dez filhos, duas mulheres e oito homens. O mais conhecido, Manoel Deodoro da Fonseca, proclamou a República e foi o primeiro presidente do Brasil. Ele contou com a colaboração do irmão Pedro Paulino da Fonseca, tenente do Exército que marchou ao seu lado para instaurar o regime republicano no país.

O filho mais velho, Hermes Ernesto da Fonseca, chegou ao posto de marechal e também foi literato e músico. Severiano Martins da Fonseca foi marechal de campo e barão de Alagoas. Já João Severiano da Fonseca era médico e tornou-se o patrono do Serviço de Saúde do Exército.

A matriarca dos Fonseca viu seis dos seus filhos marcharem para o Sul quando a Tríplice Aliança declarou guerra ao Paraguai. Três deles morreram em combate. Hyppólito Mendes da Fonseca tombou na Batalha de Curupaity, em 1866; o caçula Affonso Aurélio da Fonseca morreu em Curuzu, no mesmo ano, e Eduardo Emiliano da Fonseca faleceu dois anos depois, em Itororó.

Anos depois do fim da guerra, Rosa recebeu do imperador os epítetos de “Espartana Brasileira” e “Mãe dos sete macabeus”. Ela morreu em 11 de julho de 1873, aos 70 anos. A mãe do Marechal Deodoro é considerada figura ilustre pelo Exército Brasileiro, por ter sido casada com um militar e ter tido oito filhos militares.

mostra. Com isso, as turmas que não puderam comparecer à abertura visitaram a exposição com as professoras em horários diferenciados.

Para Renata, resgatar a memória da escola foi gratificante não só do ponto de vista profissional como do afetivo. Foi durante a pesquisa no arquivo da escola que ela encontrou uma fotografia em que, entre várias crianças, estava o seu tio-avô. “Saber que meu avô e o irmão dele foram alunos da Rosa da Fonseca me deixou bastante emocionada”, lembra a pro-

fessora. A descoberta mostrou que ela estava no caminho certo.

O êxito da iniciativa pode render frutos. As professoras organizadoras da exposição já sonham em criar um espaço de memória, com exposição permanente dos objetos e documentos da escola. Segundo elas, ex-alunos e professores aposentados voltam para rever os colegas e poderiam engrossar o público desse pequeno museu, de modo a não deixar morrer o passado, que agora está bem vivo para cada um que frequenta a Escola Rosa da Fonseca. ■

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTOS

REPRODUÇÕES DE
ALBERTO JACOB FILHO

A 'locomotiva' Nair de Teffé

Há 120 anos, nascia a mulher que agitou o Rio, misturando arte, elegância, política e irreverência



Rui Barbosa nos traços de Nair de Teffé

Ela nasceu em família nobre, chegou a primeira-dama do país e freqüentou as altas rodas do Rio e da Europa. Mas isso pouco importava. O que Nair de Teffé buscou foi viver intensamente, quebrar regras, abrir espaço para as mulheres e, de quebra, viver um amor que ainda é cercado de mistério. Nascida em 1886, a primeira caricaturista brasileira, filha do Barão de Teffé, já publicava seus desenhos na imprensa quando se casou com o marechal Hermes da Fonseca, em 1913.

Nair estava à frente de seu tempo, mas também foi favorecida por ser de família influente e por viver na época certa, junto a outras brasileiras que abriam clareiras nos costumes, como Chiquinha Gonzaga e Eugênia Brandão – respectivamente, a primeira maestrina e a primeira jornalista, que iniciou a carreira no jornal *A Rua*.

Sob o pseudônimo de Rian – uma brincadeira com seu nome –, ela publicou as primeiras caricaturas em 1909, na revista *Fon-Fon* e, mais tarde, em *Gazeta de Notícias*, *O Malho*, *Careta* e outros jornais e revistas, inclusive franceses. Além de desenhista, foi cantora, pianista, atriz e incentivadora da música popular brasileira, então desprezada pela alta sociedade. Como primeira-dama, promovia saraus no Palácio do Catete que ficaram famosos – para o bem e para o mal – por introduzir em ambiente tão fino o popular violão.

Certa vez ela criou um incidente político ao promover o recital de lançamento do tango-maxixe *Corta-jaca*, de Chiquinha Gonzaga. A repercussão da Noite do Corta-Jaca, como ficou conhecido o episódio, foi imediata. Na sessão do Senado de 11 de novembro de 1914, Rui Barbosa – adversário político do marechal – não poupou palavras para desqualificar a música e a dança da moda de então e ridicularizar a iniciativa da primeira-dama: “...A mais baixa, mais chula, a mais grosseira de todas as danças selvagens, irmã gêmea do batuque, do cateretê e do samba”, apeçonhou Rui Barbosa.

TEXTO

BETE NOGUEIRA

FOTOS

REPRODUÇÕES DE ARQUIVO

Dois faces – Ao mesmo tempo em que tinha uma desenvoltura que encantava os salões da capital e de Petrópolis, reflexo de sua educação

européia – ela viveu no exterior até os 15 anos –, Rian mostrou-se esposa dedicada, anulando-se, de certa forma. Hermes da Fonseca estava viúvo havia apenas seis meses quando a desposou, causando desaprovação entre os tradicionalistas. Os “moderninhos”, por sua vez, criticavam Nair por se casar com um homem 31 anos mais velho – ela, 27; ele, 58.

Antes disso, Rian dominava as rodas, era reconhecidamente bela e inteligente. O escritor Coelho Netto escreveu para ela a peça musical *Miss Love*, sucesso no Rio e em Petrópolis. Ela fazia acontecer ao lado das amigas Laurinda Santos Lobo e Eugenia Moreira, que raspavam a cabeça para usar perucas diversas, vestiam calças compridas e tudo o mais que atraísse a atenção de todos, especialmente dos rapazes. “Elas eram as ‘locomotivas’ da época”, comenta o historiador Antonio Edmilson Martins Rodrigues, em uma referência ao apelido criado pelo colunista Ibrahim Sued para as socialites que agitaram as noites cariocas em décadas posteriores.

Autor do livro *Nair de Teffé – vidas cruzadas*, Antonio Edmilson acredita que, de início, como Nair era de família abastada, tinha ampla liberdade – e era excêntrica para fazer gênero. “Ela podia usar sua dimensão social para fazer essas brincadeiras. Mas, aos poucos, percebeu que eram mais do que simples risadas. E resolveu tomar um caminho interessante, mantendo a dimensão de vanguarda e politização”, observa.

Influências – Acredita-se que sua visão cosmopolita refletia-se em atos do marido. “Ela teve uma influência grande sobre ele. E, em uma certa concepção ideológica, voltada para o socialismo”, conta Antonio Edmilson, que cita a criação do bairro de Marechal Hermes, em 1913. “O projeto de Marechal Hermes era modelo exemplar de concepção de bairro. Dizem que ele criou até um castelinho para ela”. Marechal foi o primeiro bairro operário planejado no país. No projeto original, previa-se ampla rede de serviços

públicos, como escolas, hospitais e teatro. Mas seus sucessores não completaram a obra...

O marechal tinha fama de roceiro – no pior sentido da palavra – e azarado. Muitas revistas teatrais o retratavam dessa forma; músicas eram feitas para debochar dele. Nada disso retraiu Nair, que não se afastou dos amigos artistas e não se cansava de se referir a ele como um homem culto e sensível.

Ao deixar a presidência, Hermes resolveu morar com Nair em Petrópolis. Em 1922, envolvido na Revolta do Forte de Copacabana, ele foi preso e morreu poucos meses depois de deixar a prisão.

Quatro anos depois, Nair voltou a ser a protagonista de sua história. Retomou suas caricaturas e adotou três crianças: Carmem, Tânia e Paulo. Em 1929, criou a Academia Petropolitana de Letras, que presidiu até 1932. Depois, fundou o Cinema Rian, em Copacabana, que no tempo das vacas magras foi vendido para o grupo Luiz Severiano Ribeiro. Em 1974, aos 88 anos, lançou seu livro de memórias, *A verdade sobre a Revolução de 22*, que mais uma vez põe o marechal, e não ela, em primeiro plano. Nair de Teffé morreu em Niterói no dia em que completava 95 anos, em 10 de junho de 1981, e seu corpo foi enterrado em Petrópolis, ao lado do marido.

Mistérios – Para Antonio Edmilson, pesquisar a vida de Rian trouxe-lhe mais dúvidas. “Ela ainda é enigmática e sempre teve uma vida conturbada. Já idosa, estava pobre, apesar de certa riqueza derivada do barão. A pensão que recebia do marido não correspondia à de uma viúva de marechal, o que ela só conseguiu com a ajuda do presidente [Emílio Garrastazu] Médici. Com a pensão restaurada, ela manifestou sua gratidão. Mas elogiar Médici teve uma péssima repercussão”, conta.

O casamento dela com o “marechal Dudu”, como era conhecido, foi cercado de mistério: por que a família era contra? Por que se arriscou a viver com um homem constantemente atacado e ridicularizado? Por que ela, que sempre teve personalidade tão forte, abriu mão da vida que levava para se dedicar ao marido? Por que não tiveram filhos (opção pouco comum àquela época)? Por que os últimos anos de sua vida foram tão diferentes do que vivera na juventude?



Retrato com fotomontagem de Nair de Teffé, caricaturista sempre à frente de seu tempo

Antonio Edmilson resolveu pesquisar a vida de Nair após vê-la em Icaraí. Triste observação: já em idade avançada, ela caminhava pelo bairro vestida de forma muito simples, completamente distante do glamour do passado. “Ninguém nunca mais falou nela. As últimas reportagens publicadas foram entre as décadas de 1960 e 70”, comenta o historiador, que ainda tentou saber mais de Nair por meio de seus filhos, que se mostraram arredios.

A casa em que morou, em Niterói, não carrega qualquer traço da mulher que percorreu boa parte do século XX dando o que falar. Hoje, lá funciona um jardim de infância particular. A escola que recebeu seu nome, em Marechal Hermes, hoje se chama Santos Dumont. E, em Sepetiba, ficou a homenagem da Creche e da Escola Municipal Nair da Fonseca – nome que nem sempre é associado à Miss Love. ■



Caricatura de Juscelino Kubitschek

SAIBA MAIS

- Nair de Teffé: vidas cruzadas, de Antonio Edmilson Martins Rodrigues (biografia). Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2002.
- A verdade sobre a Revolução de 22, Nair de Teffé (memórias). Editora da Academia Petropolitana de Letras, 1974.

Reserva natural da cidade

Um dos últimos trechos de Mata Atlântica do Rio, a Serra do Mendanha já abrigou um vulcão



Foto aérea da Serra do Mendanha, mostrando Bangu e parte de Nova Iguaçu

Um vulcão em erupção na Cidade Maravilhosa. Dá para imaginar? Bem, isso só seria possível se voltássemos no tempo pelo menos uns 30 milhões de anos, quando o homem ainda não habitava a Terra. Na Serra do Mendanha, que separa os municípios do Rio de Janeiro e de Nova Iguaçu, havia um vulcão em plena atividade, além de outros três existentes no estado do Rio. Descoberto em 1936 pelo geólogo Alberto Lamego (1896-1985), o acidente geográfico ganhou o nome de Chaminé do Lamego.

A atividade vulcânica foi admitida pela primeira vez em 1867 pelo geólogo norte-americano Orville Derby, quando trabalhou no Museu Nacional, no Rio de Janeiro, mas o vulcão só foi localizado por Lamego cerca de 70 anos depois. Foi ele quem encontrou a chaminé que hoje leva o seu nome, em um trabalho de cartografia no então Distrito Federal. Lamego chegou a descobrir o local exato das erupções, o morro Manuel José, em um ponto próximo à Cachoeira do Mendanha.

Depois disso, não se falou mais no assunto, até que, em 1966, o arqueólogo Carlos Manes Bandeira identificou a cratera do Vulcão do Mendanha, com 400 metros de diâmetro, na cabeceira do Rio Guandu do Sapê, a 300 metros de altitude. Em 1979, os geólogos André Calixto Vieira e Victor Klein, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), descobriram outro ponto de erupção vulcânica na divisa do município do Rio de Janeiro com o de Nova Iguaçu, onde há vestígios de uma imensa cratera.

A Serra do Mendanha esconde infinitas belezas naturais. Localizada no Maciço de Gericinó, constitui um dos últimos trechos de Mata Atlântica primária do município do Rio. Sua vegetação, pouco conhecida dos cariocas e que deu origem à Floresta da Tijuca, pode ser avistada por quem passa pela Avenida Brasil, na altura de Bangu, e na localidade conhecida como Nossa Senhora das Graças, em Campo Grande.

Paraíso ecológico – Por a serra estar assentada em terreno de origem vulcânica, formou-se na extensão do Rio Guandu do Sapê uma série de

desníveis. Quem passeia pelo local encontra um grande reservatório de água natural e cristalina construído pela antiga Fábrica de Tecidos Bangu e também poços ótimos para nadar, com cerca de dez metros de profundidade e 50 de diâmetro. Além disso, há cachoeiras e quedas d'água. Ao passar por uma trilha entre duas delas, o visitante encontra uma pista de salto de asa delta, de onde se pode avistar a cidade de Nova Iguaçu.

A floresta do Mendanha é rica em madeira extraída de jatobás, cedros, jacarandás e jequitibás, entre outras espécies cobiçadas por exploradores. As árvores chegam a atingir 30 metros de altura. Apesar da degradação ambiental provocada pela agricultura de subsistência, a fauna ainda ostenta espécies raras e ameaçadas de extinção, como o porco-do-mato, o gato-do-mato e o gavião-pega-macaco. Macacos-prego, tatus, pacas, cutias, micos, bichos-preguiça, tucanos, saracurus, gaviões, serpentes, lagartos e borboletas coexistem em harmonia na região.

Em 1993, a parte da floresta localizada no município do Rio de Janeiro passou a constituir o Parque Natural Municipal do Mendanha, com grande área de Mata Atlântica preservada. Embora em fase de definição, a área total do parque está estimada em 324 hectares e vai do cruzamento da Estrada do Guandu do Sena com a do Boqueirão, na direção norte, até as Seras do Gericinó e do Mendanha. Ao sul, estende-se até a Serra do Quitungo, voltando à Estrada do Guandu. A temperatura média no local é de cerca de 30° C, mesmo nos dias mais quentes.

Canaviais e cafezais – As matas do Maciço do Gericinó, de que faz parte a Serra do Mendanha, começaram a sofrer a degradação do homem no século XVII. Em 1603, as terras da região foram concedidas como sesmarias. No local, foram plantados canaviais e construídos engenhos de açúcar. O café também foi plantado e sua cultura durou até o século XIX. A chegada de uma ferrovia, em 1890, e a implantação da fábrica da Companhia Progresso Industrial do Brasil, em 1893, são marcos da urbanização ali ocorrida.

A Fábrica Bangu, como ficou conhecida, adquiriu três fazendas, onde se estabeleceram as vilas de técnicos e operários da fábrica, que

deram origem ao bairro de Bangu. A necessidade de captação de água levou a fábrica a construir um reservatório na Serra do Mendanha, acompanhado de um aqueduto.

Com a destruição dos cafezais e com a Lei Áurea, a região do Mendanha foi invadida pela cultura da laranja, que atingiu sua melhor fase em 1926, quando aumentaram as possibilidades de exportação para a Europa Ocidental. O fim do ciclo da laranja, decorrente da crise comercial iniciada durante a Segunda Guerra Mundial, registrou o aparecimento de loteamentos e a diversificação do plantio de produtos agrícolas.

Em 1993, foi aprovada a Lei Municipal 1.958, que criou o parque, mas somente em 2001 a área que pertencia à Fábrica Bangu foi adquirida pelo município para a implantação da reserva. Em julho daquele ano, o decreto municipal 2.227 renomeou o parque e alterou seus limites. Para quem pretende visitá-lo, o endereço é Estrada Guandu do Sena, s/n°, Bangu. Telefone: (21) 2502-1701. ■



Banhistas se divertem na piscina do Rio Guandu do Sapê

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTOS

AÉREA:

DIVULGAÇÃO - INSTITUTO

PEREIRA PASSOS

CACHOEIRA:

IVO CARVALHO - GRUPO

AMIGOS DA ZONA OESTE

Museu do Trem

Instalado no antigo galpão de pinturas de carros da Estrada de Ferro Pedro II, o Museu do Trem exibe alguns meios de transporte do Brasil imperial. Os destaques são a *Baroneza*, a primeira locomotiva a trafegar no país, o veículo imperial fabricado na Bélgica para transportar o imperador D. Pedro II e o carro que transportou o presidente Getúlio Vargas na década de 1930. As visitas podem ser feitas de terça a sexta-feira, das 10h às 12h e das 13h30 às 16h, e aos sábados, das 13h às 17h. Não abre aos domingos e feriados.

Museu do Trem

Rua Arquias Cordeiro, 1.046, Engenho de Dentro
Informações: (21) 2269-5545

Foucault, 80 anos

Estão abertas as inscrições para o Colóquio Franco-Brasileiro de Filosofia da Educação, a ser realizado de 9 a 11 de outubro na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O colóquio homenageia o filósofo francês Michel Foucault, no mês em que são comemorados os seus 80 anos de nascimento. As inscrições para uma palestra isolada são gratuitas. Quem

quiser participar de todas as atividades terá direito a material e certificado, com taxa de inscrição de R\$ 100, a partir de 1º de setembro.

Uerj

Rua São Francisco Xavier, 524, sala 12037F, Maracanã
Informações: www.filoeduc.org/foucault

Ver Ciência

A Mostra Ver Ciência chega à 12ª edição, com o melhor da produção para TV, cinema e vídeo com viés científico e tecnológico. Sob o tema *Criatividade e inovação*, a mostra acontece de 12 a 17 de setembro, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB). Serão exibidos 76 títulos de 16 países. A MULTIRIO participa com quatro programas: *Abrindo o verbo*, *Encontros com a mídia*, *Nós da escola* e *Rio, a Cidade!*

CCBB

Rua 1º de Março, 66, Centro
Entrada franca, com distribuição de senhas uma hora antes de cada sessão.

Verde Burle Marx

O paisagista Burle Marx adquiriu o sítio que leva o seu nome, na Zona Oeste, no fim dos anos 1940, para colecionar

espécies vegetais. Hoje, o terreno tem um centro de pesquisa e recebe visitantes. Além das mais de 3.500 espécies de plantas, os visitantes podem admirar pinturas, desenhos, tapeçarias, vitrais e painéis de azulejos criados pelo paisagista.

Sítio Burle Marx

Estrada Roberto Burle Marx, 2.019, Barra de Guaratiba
Funciona de terça-feira a domingo, mas é preciso fazer reserva.
Informações: (21) 2410-1412
www.burlemarx.com.br
Ingresso: R\$ 5.

Mestrado em Matemática

A Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) aceita inscrições até o dia 24 de outubro para a prova de ingresso no mestrado de Matemática. Os aprovados começam a frequentar as aulas em março de 2007.

PUC-Rio, Departamento de Matemática

Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea
Informações: (21) 3527-1732 e 3527-1281

O banho e a limpeza

A antiga Casa de Banhos de Dom João VI, hoje Museu da Limpeza Urbana, fica fora do circuito tradicional de passeios de fim de semana, mas vale uma visita. Situa-se em um casarão do século XIX, oferecido de presente pelo comendador Tavares Guerra para o rei, que estava com um ferimento na perna e, por recomendação médica, teria que se banhar nas águas da Praia do Caju, rica em iodo. Foi-se a família real, foi-se a praia, mas ficou a casa de banhos, onde a Companhia Municipal de Limpeza Urbana (Comlurb) montou o museu. No acervo, carroças de lixo puxadas por cavalos, uniformes e fotos.

Museu da Limpeza Urbana

Rua Praia do Caju, 385, Caju
Informações: (21) 2410-1412 e 3890-6027. De terça a sexta-feira, das 10h às 17h. Sábado e domingo, das 13h às 17h. Entrada franca.

Desembarque na Ilha

O palacete da Ilha Fiscal, na Baía de Guanabara, tem estilo gótico-provençal e é de fácil acesso – via Espaço Cultural da Marinha. A 15 minutos de barco, a Ilha entrou para a história como palco do último baile da família imperial brasileira, em 1889. Guias acompanham os visitantes, mostrando os salões, o torreão e as exposições permanentes do espaço. A ilha conta ainda com uma lanchonete e loja de souvenirs.

Ilha Fiscal

Saída do Espaço Cultural da Marinha. Avenida Alfredo Agache, s/nº, Praça XV
Informações: (21) 2410-1412 e 3870-6992. Horário: 13h, 14h30 e 16h (quinta-feira a domingo). Ingresso: R\$ 8.



Três obras sobre o exercício do ver. Uma delas do crítico e professor de Estética Cinematográfica francês Jacques Aumont, que estuda as significações produzidas pela imagem. Outra do comunicólogo espanhol naturalizado colombiano Martín-Barbero, que, em parceria com o psicólogo e professor Germán Rey, destaca a influência das imagens produzidas pela TV no imaginário coletivo. A terceira, do ensaísta, editor e novelista argentino Alberto Manguel, defende o direito dos não-especialistas a ler imagens como quem lê um texto.

Um texto de 2004 do mesmo Martín-Barbero, que discute os caminhos da comunicação na América Latina, e um lançamento em vídeo da MULTIRIO fecham a lista de indicações deste mês.

Livros

A imagem

Jacques Aumont
Papirus, 2004

A imagem tornou-se uma disciplina do conhecimento humano e permanece como um domínio fascinante e parcialmente incógnito. Neste livro, Aumont (1942-) trata dos grandes problemas teóricos propostos pelo tema: o que é ver uma imagem; que espectador ela supõe; como a imagem representa o mundo real; como ela produz as significações; que critérios nos levam a considerar algumas dessas imagens como artísticas.

Os exercícios do ver

Jesús Martín-Barbero e Germán Rey
Senac, 2001

Jesús Martín-Barbero (1937-), um dos maiores teóricos de Comunicação Social na América Latina, une-se ao psicólogo e professor colombiano Germán Rey para analisar um fenômeno social e cultural de crescente importância também no Brasil: o poder da TV sobre o imaginário das pessoas. Um destaque nesse tema é a telenovela, principal produto cultural latino-americano



destinado ao grande público, gênero que tem no Brasil os mais ativos e criativos produtores. Traduzida pelo cientista social Jacob Gorender, a obra tem como objetivo um debate da cultura popular, que tem na TV a mídia hegemônica.

Lendo imagens

Alberto Manguel
Companhia das Letras, 2001

Toda imagem tem uma história para contar. Todas as imagens podem ser lidas

e traduzidas em palavras, mesmo pelo público leigo. Neste livro, Manguel (1948-) passa ao largo do vocabulário árduo da crítica e defende a idéia de que os não-especialistas têm o direito de ler imagens como quem lê um texto. O autor narra histórias que se ocultam em pinturas, esculturas, fotografias e projetos arquitetônicos desde a Roma Antiga até as arrojadas experiências da arte do século XX.

Ofício de cartógrafo – travessias latino-americanas da comunicação na cultura

Jesús Martín-Barbero
Loyola, 2004

Com 30 anos de experiência em pesquisa e munido-se de ferramentas como a Filosofia e a Antropologia Cultural, o autor envereda pelos complexos terrenos do processo de comunicação, nos quais não basta pesquisar as armadilhas do dominador, mas aquilo que no dominado trabalha a favor do dominador. Este é um livro que trata dos caminhos da comunicação na América Latina.

Vídeos

Ateliê coreográfico – a formação do bailarino criador

Realizado pela MULTIRIO. Direção, roteiro e edição de Miguel Przewodowski, 2006.

canal	horário	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
BandRio	14h-14h30	Crônicas da minha escola Série sobre Educação Acervo MULTIRIO Tons e Sons	Br@nché (Língua Francesa) Juro que vi	Nós da Escola Temas: Literatura oral e Ciclos de formação	Encontros com a Mídia Convidados: Bia Bedran, Jorge Bodansky, entre outros	O mundo secreto dos jardins Série sobre os habitantes desse ambiente	9h-9h30 Documentário especial Afeganistão: de volta às aulas (dia 2) Já não é sem tempo (9) Papagaios amarelos (16) A civilização do cacau (23) Brasil em movimento: A guerra civil (30)	É tempo de diversão Aventuras Cariocas
	14h30-15h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	9h30-10h	Encontros com a Mídia Convidados: Bia Bedran, Jorge Bodansky, entre outros
Net - canal 14	7h30-8h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Documentário especial Acima do peso (dia 3) Afeganistão: de volta às aulas (10) Já não é sem tempo (17) Papagaios amarelos (24)
	8h-8h30	Séries e documentários Expresso Brasil	Cara de Criança Programas infantis: Meu pequeno planeta Lucas e Lucinda	Séries e documentários Arte e Matemática É tempo de diversão	Séries e documentários Mesa Brasileira Olho Vivo	Cantos do Rio MPB	Cara de Criança Programas infantis: Meu pequeno planeta Lucas e Lucinda	Atletas do Rio Gerúndio e Cacófato Memórias Cariocas Aventuras Cariocas
	8h30-9h	Aqui no meu país É tempo de diversão	Contos de Wilde Épicos animados	Escritores, testemunhas do seu tempo		Encontros com a Mídia Convidados: Bia Bedran, Jorge Bodansky, entre outros	Contos de Wilde Épicos animados	Atletas do Rio Gerúndio e Cacófato Memórias Cariocas Aventuras Cariocas
	9h-9h30	Escritores, testemunhas do seu tempo	Como a arte moldou o mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	Abrindo o Verbo Temas: Planetas, Mídia na escola, entre outros	Nós da Escola Temas: Literatura oral e Ciclos de formação	Crônicas da minha escola Série sobre Educação	Como a arte moldou o mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	Abrindo o Verbo Temas: Planetas, Mídia na escola, entre outros
	9h30-10h	Documentário especial Afeganistão: de volta às aulas (dia 4) Já não é sem tempo (11) Papagaios amarelos (18) A civilização do cacau (25)		Aqui no meu país Série sobre curiosidades culturais	Arte e Matemática Série que relaciona as duas áreas	Olho Vivo Série sobre Ciência e História Natural		Nós da Escola Temas: Literatura oral e Ciclos de formação
	10h-10h30		Noah e Saskia Série australiana	Atletas do Rio Gerúndio e Cacófato Memórias Cariocas Aventuras Cariocas	Cantos do Rio MPB	Expresso Brasil Série sobre cultura e turismo	Noah e Saskia Série australiana	Cantos do Rio MPB
	10h30-11h	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Encontros com a Mídia Convidados: Bia Bedran, Jorge Bodansky, entre outros
	11h-11h30	Videoteca Séries e documentários para gravar	Videoteca Séries e documentários para gravar	Videoteca Séries e documentários para gravar	Videoteca Séries e documentários para gravar	Videoteca Séries e documentários para gravar	Videoteca Séries e documentários para gravar	O mundo secreto dos jardins Série sobre os habitantes desse ambiente
Net Educação	12h-12h30	Reflets- Curso de Francês Gerúndio e Cacófato	Reflets- Curso de Francês As formas do invisível	Reflets- Curso de Francês Gerúndio e Cacófato	Reflets- Curso de Francês As formas do invisível	Br@nché (Língua Francesa) Gerúndio e Cacófato	Assista a nossa programação também na TV Alerj (canal 12 da Net), de segunda a sexta-feira, das 8h às 10h e das 21h às 22h, e aos sábados e domingos, das 20h às 22h. Veja a programação completa em www.multirio.rj.gov.br	
	12h30-13h	Arte e Matemática Série que relaciona as duas áreas	Mesa Brasileira Série sobre cultura e hábitos alimentares	Olho Vivo Série sobre Ciência e História Natural	Documentário especial Afeganistão: de volta às aulas (dia 7) Já não é sem tempo (14) Papagaios amarelos (21) A civilização do cacau (28)	Aqui no meu país Série sobre curiosidades culturais		
	13h-13h30	Encontros com a Mídia Convidados: Bia Bedran, Jorge Bodansky, entre outros	O mundo secreto dos jardins Série sobre os habitantes desse ambiente	Crônicas da minha escola Série sobre Educação		Nós da Escola Temas: Literatura oral e Ciclos de formação		
	13h30-14h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados		

PROGRAMA CASAS DE CONVIVÊNCIA E LAZER PARA IDOSOS.

MAIS UMA OBRA ESSENCIAL QUE NÃO USA UMA GOTA DE CIMENTO.

Para a terceira idade se sentir na melhor idade

O Programa Casas de Convivência e Lazer para Idosos é uma das inúmeras opções oferecidas para a população pela Obra Social da Cidade do Rio de Janeiro, em parceria com a Prefeitura do Rio e a iniciativa privada.

Por meio de atividades sistemáticas de saúde, lazer e cultura, o programa tem como objetivo integrar os idosos à sociedade, evitando o seu isolamento e contribuindo para melhorar a sua saúde física e mental, além de recuperar a sua auto-estima e suas memórias.

Pela manhã, são realizadas as aulas para o corpo, sempre visando o aumento do bem-estar físico. As tardes são dedicadas às atividades sócio-culturais, como oficinas, palestras e demais atividades voltadas para o desenvolvimento da mente e do espírito.

As Casas oferecem aulas de yoga, alongamento, ginástica sináptica, tai chi, lian gong, técnica de Alexander, dança senão e dança de salão, além de oficinas diversas: de contadores de histórias e produção de textos até mímica, memória, artesanato e poesia. E mais: palestras, debates, shows, teatro, cinema e informática também fazem parte da programação das Casas de Convivência e Lazer para Idosos.



Aula de tear na Casa Lota de Macedo Soares, em Botafogo.



Coral na Casa Dercy Gonçalves, em Copacabana.



Contadores de Histórias na Casa Nani Sette Câmara, em São Conrado.

OBRA DE REVITALIZAÇÃO

Totalmente gratuitas, as atividades são vividas nos ambientes sempre bonitos e agradáveis das quatro unidades (Casas) existentes hoje, proporcionando aos idosos a sensação de estarem em suas próprias residências.

Desde a criação do programa, em 2003, até junho de 2006, foram realizados 218.131

atendimentos. Os depoimentos de alguns beneficiados revelam as repercussões positivas das atividades em suas vidas.

Conheça mais sobre as Casas de Convivência e Lazer para Idosos e os outros programas da Obra Social acessando o nosso site na Internet.

da auto-estima



Fachada da Casa Bibi Franklin Leal, inaugurada em maio de 2006, na Tijuca.

QUALIDADE DE VIDA É A NOSSA OBRA

Obra Social

DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO



Mais informações pelo Tel.: (21) 2503-4528 ou no site:
www.obrasocial-rj.org.br

Obra Social



NÓS DA ESCOLA
No próximo número:
Ludicidade e espaço